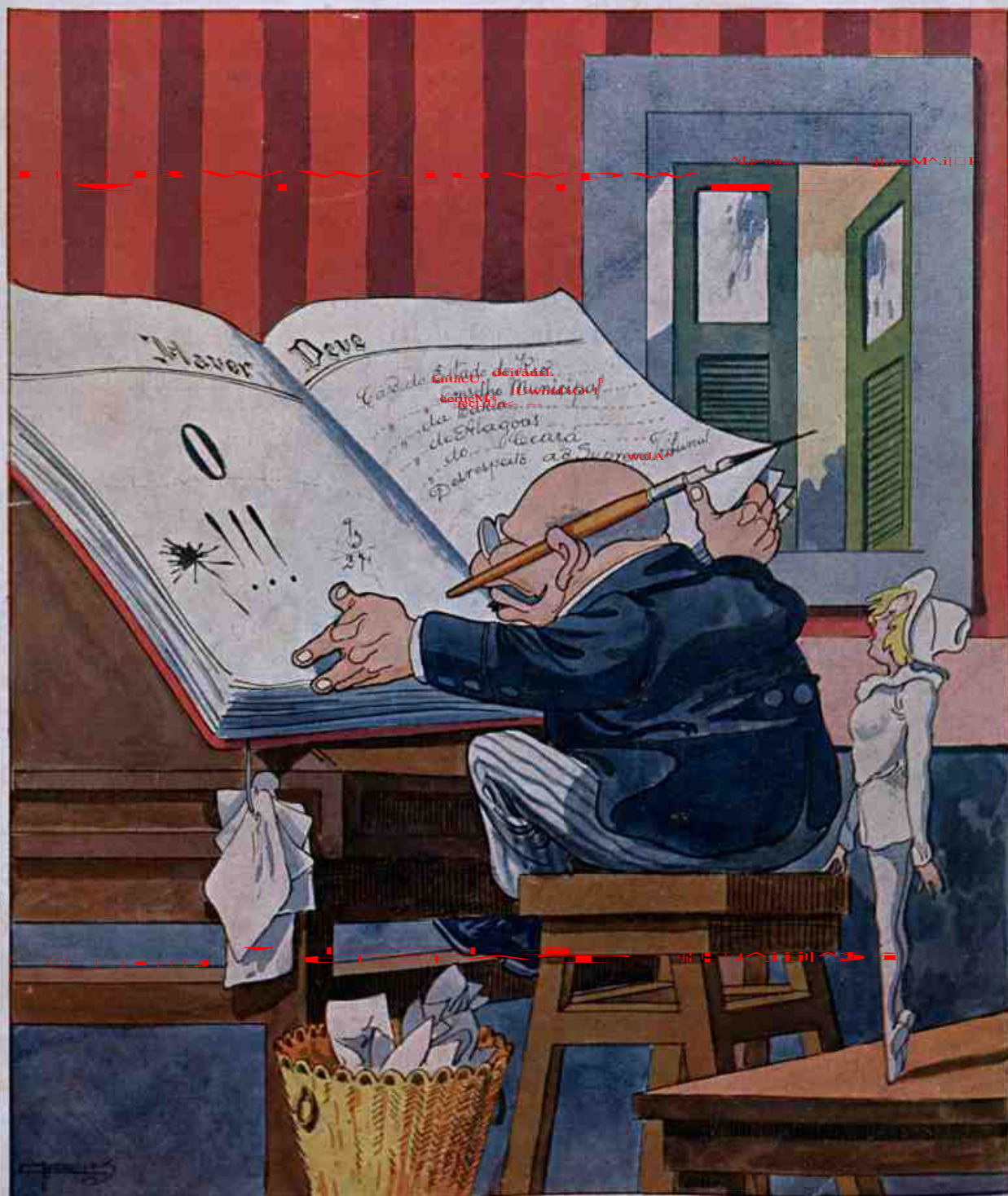
NUM. 202 SABBADO 13 DE ABRIL DE 1912 ANNO V

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

A ATRAPALHAÇÃO DO GUARDA-LIVROS

O dia do balanço approxima-se e o livro-caixa não está em dia.

SÓ

É CALVO QUEM QUER
PERDE CABELLOS QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER

PORQUE O PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, impede a sua quéda, faz vir uma barba forte e sadia e faz desapparecer completamente a caspa e quaesquer parasitas da cabeça, barba e sobrancelhas. Numerosos casos de curas em pessoas conhecidas, provam a sua efficacia.

BEXIGA, RINS, PROSTATA, URETHRA

A UROFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado nas insufficiencia renal, cystites, pyelites, nephrites, pyelo-nephrites, urethrites chronicas, inflamação da prostata, catharro da bexiga, typho abdominal, uremia, diathese, urica, arêas, calculos, etc.

As pessoas idosas ou não que têm a bexiga preguiçosa e cuja urina se decompõe facilmente devido á retenção, encontram na UROFORMINA de GIFFONI um verdadeiro ESPECIFICO porque ella não só facilita e augmenta a DIURESE, como desinfecta a BEXIGA e a URINA evitando a fermentação desta e a infecção do organismo pelos productos dessa decomposição. Numerosos attestados dos mais notaveis clinicos provam a sua efficacia. Vide a bulla que acompanha cada frasco.

ENCONTRA-SE NAS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS DESTA CAPITAL E DOS ESTADOS E NO

Deposito: Drogaria Francisco Giffoni & C. -- Rua 1º de Março, 17 -- Rio de Janeiro

---

PARFUMERIE-TOILETTE

EAU DE LYS DE LOHSE

Possuireis Minhas

Senhoras,

O irresistivel attractivo d'uma tez incomparavel, a macieza, o aveludado, a deliciosa frescura d'um rosto novo, e sereis sempre bellas, graças ao

EAU DE LYS DE LOHSE

Branca, Rosada, Rachel.

Gustav Lohse, Berlin

Vende-se nas boas casas de Perfumarias.

Mais uma affirmação de muito valor

Eu, Pedro Paulo Autran, diplomado pelo Estado de Minas Geraes, lente da Academia de Commercio do Rio de Janeiro, ex-professor do Internato do Gymnasio Nacional, Lyceu Litterario Portuguez, Collegio Lisbôa, etc. etc. etc.

Attesto que, havendo usado diversas loções contra caspa e quéda de cabellos, nenhuma produzio tanto effeito como o **Petroleo de M. Olivier**, cujo uso extinguio completamente a caspa e desenvolveu o crescimento dos cabellos.

E'-me grato, portanto, manifestar meus agradecimentos ao Sr. M. Olivier pelo seu preparado **Petroleo**, que considero como o unico na extincção da caspa e no desenvolvimento e crescimento dos cabellos.

Rio de Janeiro, 24 de Junho de 1910.

PEDRO PAULO AUTRAN.

Vende-se o **PETROLEO OLIVIER**
nas boas perfumarias, pharmacias, drogarias
no deposito geral:

Perfumaria A "Garrafa Grande

66 — RUA URUGUAYANA — 66

Cuidado com as muitas imitações.

FILTRO "FIEL"

(DE PEDRA NATURAL)

Privilegiado — **Patente n. 5463**

Pratico e de invariavel funccionamento

PRESERVADO DA POEIRA

Agua saborosa e sempre fresca, filtrando na media dois litros por hora

PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908
E NA INTERNACIONAL DE HYGIENE DE 1909

Adoptado com exito sem igual em todos os Ministerios
e Repartições publicas desta Capital

A' venda em todas as grandes casas de louças e ferragens

OU NA FABRICA:

Fiel Augusto de Oliveira & Comp.

160, RUA 24 DE MAIO, 162

RIO DE JANEIRO

Telephone "Villa"

REDACÇÃO E OFFICINAS: RUA DA ASSEMBLÉA, 70 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 15$000 | SEMESTRE . . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . . 300 Rs. | ESTADOS . . . . 400 Rs.

Edição de «KÓSMOS»

N. 202 | RIO DE JANEIRO — SABBADO — 13 — ABRIL — 1912 | ANNO V

General Menna Barreto

Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto é o setimo general de sua familia.

Impetuoso e bravo, da impetuosa bravura gaúcha, encarnando o desabusado typo do militar á antiga, é homem para sacudir um presidente pelo gasganete e arremetter de lança contra vinte exercitos.

Em 1889, esparzindo na terra santa dos quarteis as fecundas sementes cujos optimos frutos hoje gulosamente saboreamos, desmiolou os ardentes officiaes e embriagou de sonho a soldadesca ingenua, de tal modo que aos 15 de Novembro, espantando a nação ainda adormecida, amotinou a tropa e transferio do triste leito em que gemia para o corsel em que se immortalisou a figura alquebrada de Deodoro.

E' um dos paes da Republica, e ao serviço tumultuario della, alternando desatinos e acertos, com o seu espaventoso temperamento de *sabreur* tem padecido encarceramentos, reforma, desterro e demissões.

Duas vezes, em epochas diversas, indicado para disputar eleitoralmente a curul presidencial do Estado nativo, fechou os apurados ouvidos da ambição, e tendo, ultimamente, incorrido na poderosa antipathia do Senador Pinheiro Machado foi despedido da pasta da guerra como um servo que desagrada o amo.

VOL-TAIRE

General Menna Barreto

O especialista

Abundam todo dia telegrammas
Annunciando projectos do Couceiro
Para levar o rei ao seu poleiro,
Mesmo tendo de pôr a Patria em chammas.

Como quem joga com pachorra as damas,
Esse até hoje inhabil empreiteiro
E' já passado mais de um anno inteiro
Que vive a formular inuteis tramas.

Para a fronteira muitos planos trouxe,
Mas, logo que um escolhe, dá-lhe um couce,
Talvez por ser entendedor severo.

Qual! Si quereis vencer, oh monarchistas,
Deitae fóra o Couceiro; as vossas vistas
Devem voltar-se já para o Sotero.

JEAN GRIMACE

O *forte S. Marcello*, foi o melhor carro do Carnaval deste anno, na opinião unanime dos carnavalescos. E foi tambem muito notado o encarniçamento com que elle disparara os seus canhões ao passar por defronte da Associação da Imprensa.

Longe o agouro! Ainda se fosse o *forte do Brum!*

O Sr. Osorio Duque Estrada acaba de publicar um livro intitulado *A Arte de fazer versos*.

Agora mesmo é que a poesia nacional vae por agua abaixo, se os poetas começarem a praticar a Arte do Sr. Osorio.

Por causa das duvidas o general Pinheiro Machado foi na madrugada de quarta-feira á cathedral da Gloria, tomar cinzas pela segunda vez este anno.

Que diabo! De que andará receioso o general?

O Sr. Alpoim, numa folha de Portugal, por meio de um artigo encomiastico, seriamente estomagou o Sr. Carlos de Laet, dizendo que não o conhecia como escriptor.

O Sr. Laet vae retrucar sem encomios.

DIPLOMACIA

O coronel Luiz Barbedo, representando o sr. Presidente da Republica, militarmente preside as despedidas do sr. Campos Salles, novo ministro do Brazil na Argentina.

DIPLOMACIA

Ministro Pedro de Toledo, dr. Campos Salles, dr. Lauro Muller, ministro das Relações Exteriores, ministro argentino Don Julio Fernandez, dr. Enéas Martins, sub-secretario de Estado das Relações Exteriores.

A mascara é sagrada; a ninguem é dado o direito de arrancal-a da face em que a collou, com a licença official da policia, o desejo de se divertir incognitamente.

Assim pensam os individuos que se mascaram, sem que, comtudo, digam até onde vão os direitos inviolaveis concedidos á mascara, da qual, com revoltante frequencia, muitos individuos abusam para dizer impunemente, sem responsabilidade, cousas que, desmascarados, não ousariam insinuar.

Nestes dias de Carnaval e Semana Santa assistimos, na Avenida Rio Branco, a dois factos que merecem, entre os congeneres, destaques especiaes pela infamia e covardia que os caracterisaram.

Nas proximidades do cinematographo Odeon mantinham um dialogo constantemente interrompido pelas correntes humanas que passavam, um rapaz e sua noiva. Um mascarado chamou o noivo, disse-lhe que tinha graves cousas a dizer e attrahindo-o para um corredor, fez-lhe um discurso solemne: era seu amigo, e tanto que se phantasiara para prevenil-o de cousas que ninguem se atreveria a contar-lhe, pelo temor de o molestar. Depois desse affectuoso *introibos*, o mascarado investio furiosamente contra a reputação da pobre noiva, contou casos terriveis, historias vergonhosas mas, sempre falando na muita e antiga amizade que consagrava ao noivo, não consentio em se revellar e quando elle desappareceu, o triste namorado tornou para o lado de sua promettida com a face sombria e o coração afeleado.

O outro caso é tambem divertido. Um mascarado, perto da rua da Assembléa, pegou um cavalheiro pelo braço e perguntou-lhe:

— Como vae Fulana?

— Que Fulana?

— A mulher do teu amigo Sicrano.

O cavalheiro parou e, sério, fitando o mascarado, interpellou-o:

— Que quer dizer essa pergunta?

O mascarado, em voz de falsete, insistio:

— Não te incommodes commigo. Quem deve se incommodar é o marido...

Ia, de certo, continuar se não tivesse rolado no chão com a mascara enterrada nas ventas por um murro que ha de ser a sua mais bella recordação do Carnaval da Paschoa.

Aproveitando a feliz opportunidade do segundo Carnaval o Sr. José Rufino Bezerra Cavalcante despio os seus ultimos farrapos rosistas e collocou á face a mascara dantista da *Condessa Herminia*.

Parece que S. Ex. usará tal mascara emquanto o general Dantas for governador de Pernambuco.

CARNAVAL

Grupo dos Caprichosos Cajuenses

A CASCAVEL AGRADECIDA

Esta historia, leitor, que ora vos narro
De certo algures li-a
N'algum autor inglez humorista e bizarro.
E' simples fantasia,
Cujo merito, em summa,
E' a lição de moral de que della ressuma.

Se ao fim da historia fores, a despeito
Deste enfadonho prologo,
Verás que isto não é fabula, ou apologo
Forjado a geito
Dos de Esopo, de Phedro e Lafontaine
(Eu pronuncio «Esopo» muito embora
Tal pronuncia condemne
O helenista doutor Ramiz Galvão;
Fica-me assim a phrase mais sonora
E entra-me bem no verso: esta é a questão.)

Não é, como eu dizia,
A fabula *vieux-jeu* em fundo e em forma
Que leste e eu li nos tempos de menino,
Antes da analphabetica reforma
Do ensino.

Mas, que diabo! reparo
Que vae ficando longo este maldicto prologo.
Com as considerações do meu prefacio páro
E principio o apologo.

Um dia o caçador saira á caça
Ao despontar da aurora;
Em companhia do seu cão de raça,
Quando, em dado momento,
Viu sair de uma moita enorme cascavel.
O caçador (chamemol-o Manoel:
Com ser nome vulgar, facilita-me a rima).
Manoel, vendo a serpente,
Que delle se aproxima,
A pontaria faz; mas eis que de repente,
Vê que ao lado da cobra
Outra coleia, pequenina e joven.
Milagre ou simples obra
Do acaso? o caso é que os olhinhos se movem
Do pequenino ophidio e olham Manoel, pasmado.
Era um olhar tão languido e tão doce
Tal qual como se fosse
O olhar do cão Fiel...
O caçador impressionou-se.
A grande cascavel
Era mãe da pequena certamente;
Se elle matasse a mãe, que vil maldade!
A filha, de repente,
Tombaria no abysmo da orphandade.
Matar as duas? Barbara matança!
Fóra de Herodes sanguinaria obra
Nunca se mata uma innocente creança
Mesmo quando ella é cobra.
Manoel assim pensou (tem coração Manoel)
Doce olhar commovido
Deitou-lhe a pequenina cascavel.
— Não! não as mato; é caso decidido!
Disse com seus botões o caçador, emquanto
As cobras foram procurar seu ninho
E Manoel, da emoção contendo o pranto,
Proseguiu seu caminho.

Passam-se annos: Manoel andou caçando
Por diversos logares;
Nunca mais vira as cobras familiares;
Mais eis que um dia, quando
Por acaso passou pelo mesmo local,
Encontrou Manoel
A joven cascavel,
Já então cobra feita,
Risonha, bem nutrida e satisfeita:
Por signal
Que conservara os mesmos traços elegantes
Dos tempos de menina; os olhinhos brilhantes
Tinham o quer que é de carinho e bondade
Ao ver o caçador que lhe poupara a vida
E a livrara do abysmo da orphandade.
E a cascavel olhou-o com ternura,
Grata e reconhecida.

Seguiu Manoel ao ponto que buscava
Quando a uma certa altura,
Olhando para traz,
Notou que a cascavel o acompanhava.
— Deixal-a! disse e proseguiu Manoel.
E quando o bom rapaz
Em casa entrou, entrou com elle a cascavel.
Installou-se a vontade a um canto da cosinha,
Tão domestica e mansa e familiar
Como um gato, um cachorro ou uma gallinha.

Ora, uma certa vez — ó caso singular!
Manoel ouviu rumor no escriptorio; apressado
De um revólver tomou, correndo a ver o que era.
E Manoel quasi tombou por terra, de assombrado:
Um ladrão, negro e máo, de catadura féra
Tentara abrir um cofre
Quando n'um triz, de chofre
A amiga cascavel com as fortes prezas
Se lhe agarrara ao braço
(O ladrão apanhado de surpreza
Não poude dar siquer um passo.)
E emquanto assim mordia o infame roubador,
A cascavel, a dedicada sentinella,
Com methodo e pericia
Punha a cauda por fóra da janella
Vibrando-a com furor,
A chamar a policia!

D. XIQUOTE

CURA RADICAL

Fui ao medico, ha dias, consultal-o
Devido a estar de insomnia padecendo
— Cruel doença que me andava roendo,
Peior mil vezes que um dorido callo.

Ha muito tempo que o cantar do gallo
Vinha achar-me em vigilia — o aspecto horrendo
Do homem que de remorso vae morrendo
Ou sabe haver alguem que quer matal-o.

Pois, meus amigos, excepção á regra,
Eis que o Galeno acerta e me reintegra
No bello somno de que andei tão pobre.

E prescreveu-me apenas uma droga,
Que eu, por ser altruista, ponho em voga:
— Ler ao deitar a *Margarida Nobre.*

JEAN GRIMACE

Os nossos queridos irmãos argentinos da provincia de Salta estão sendo flagellados pela peste bubonica.

Os nossos votos são para que a epidemia seja dominada antes de se transplantar para a nossa casa.

Um estudante, estando quebrado no segundo dia do Carnaval e querendo divertir-se a todo preço, teve a original e rendosa idéa de phantasiar-se de Rocha Alazão.

Imitou, tanto quanto possivel, a popular figura do Rocha e sahio pelos cafés, pelas confeitarias, pelos sitios habitualmente frequentados pelo digno Alazão, a morder, a morder, a morder...

A gente, achando graça na brincadeira, sangrava, sangrava, sangrava...

Na quarta-feira contaram o caso ao Rocha que, livido, cheio de raiva, perguntou:

— Quem foi esse gatuno?

— Queres dar-lhe pancada? Vaes brigar com elle?

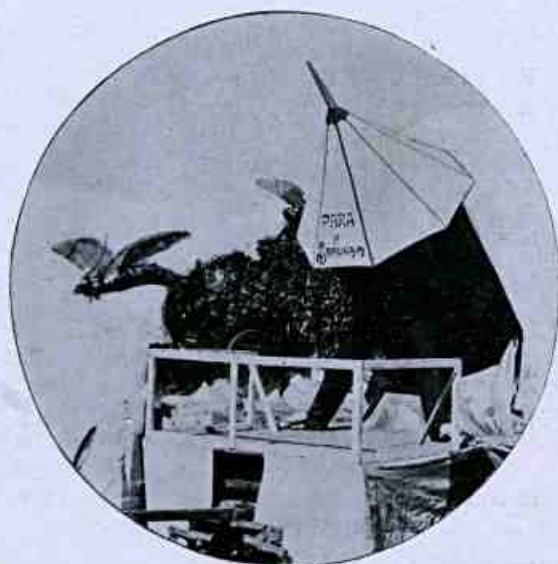
— Não, respondeu tristemente o Rocha, vou mordel-o.

Pela conducta que tem observado em Paris o Principe de Galles verifica-se que S. A. não é o filho da Rainha Victoria.

A cadeira fica guardada

CARETA — Pois quê!?... Não se preenche a vaga?
POLITICA — Qual vaga!... Elle não é arára. Vai tentar uma vida nova para a qual não sabe ainda si tem vocação.

Club Tenentes do Diabo

O Cruzeiro do Sul, carro chefe

Os Kiosques

O carnaval do Rio de Janeiro foi e ha-de ser sempre o primeiro do mundo.

Era o primeiro pelo furor do entrudo, foi o primeiro pela bizarria exotica dos cordões e pelo fausto dos grandes clubs, é, neste anno de 1912, o primeiro pela moderação dos jogos, pela circumspecção dos mascarados, pela tristeza da massa popular.

— O nosso glorioso Corpo de Bombeiros está decahindo muito.

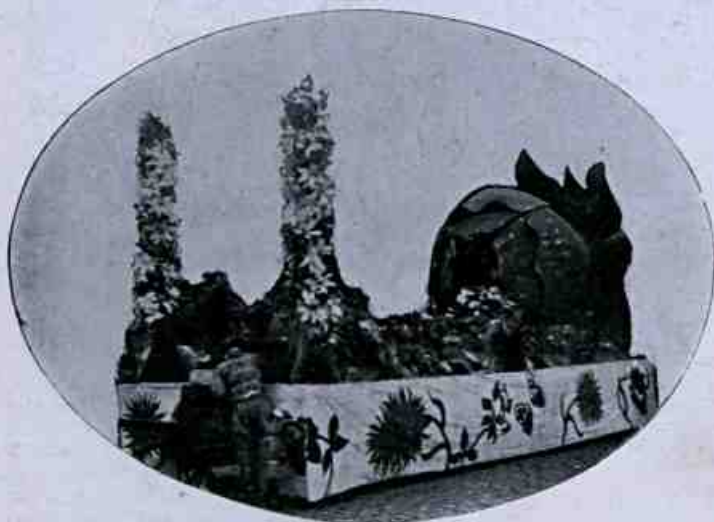
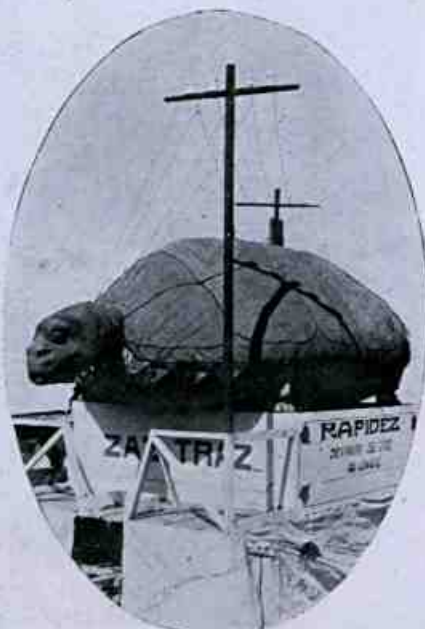
— E' exacto. O governo do Hermes a nada poupa.

O marechal Hermes tem passeado, a pé, pelas ruas centraes da cidade.

E' tal a sua popularidade que ao vel-o os transeuntes ficam tão commovidos que nem lhe tiram o chapéo.

Segundo noticiou *A Noite* o Sr. Armenio Jouvin vae ser Conde Papalicio.

Parece, pois, confirmada a noticia de que membros do Sacro Collegio estão empenhados em deslustrar o reinado de Pio X.

Club Tenentes do Diabo

A mariposa

O serviço telegraphico do Brasil

Club Tenentes do Diabo

Homenagem ao Prefeito por motivo da lei do fechamento das portas.

— Que opinas sobre a circular do Club Militar?

— Acho-a inutil. O Hermes vai acabar com os militares politicos.

— Demonstram-n'o os casos dos Estados libertados.

— Deixa-te de ironias. O marechal, com o seu excellente methodo de governo, vai desmoralisar de tal modo os estadistas de sua classe que depois delle nunca mais soldado passará de soldado.

A reforma da "Briosa"

A's mãos do malicioso Vespasiano,
Enviado por seu antecessor,
Chegou, traçado com pericia e amor,
Num rôlo de papel, um grande plano.

Si dos nossos jornaes um méro engano,
Por artes d'algum *phoca*, isso não fôr,
O tal projecto breve entra em vigor,
Antes, talvez, de liquidado este anno.

Nada mais, nada menos, meus amigos,
Que a reforma da Guarda Nacional,
E as reformas têm sempremil perigos.

Nesta se evitará, comtudo, o mal
Que faz grelarem bachareis mendigos:
— Não póde haver augmento de pessoal.

JEAN GRIMACE

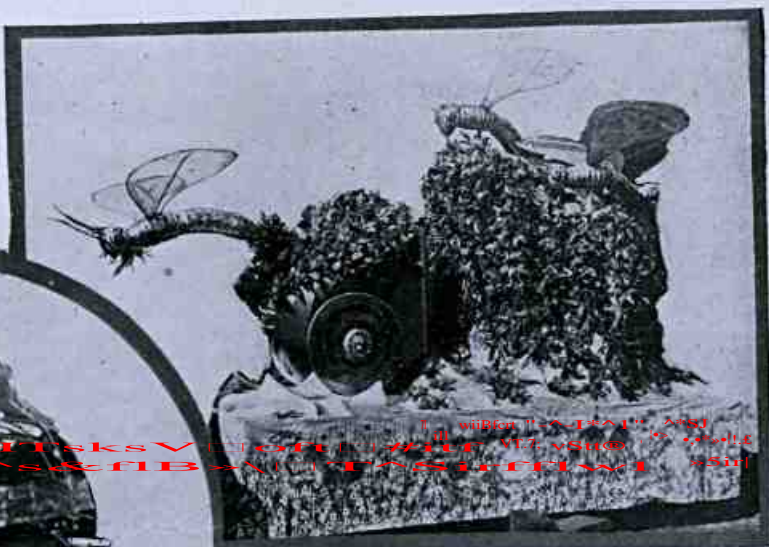
Numa redacção.

O secretario: Não posso esperar. E' hora de metter a folha no prélo e o senhor não traz photographias.

O photographo: Que hei de fazer? Estamos sob o governo do marechal: não temos nada.

— Uma grande novidade, meu caro. Vão ser devastadas as mattas da Tijuca e os terrenos occupados por ellas transformados em campos de manobras.

— Caramba! O Hermes arrasa tudo.

Club Tenentes do Diabo

As Sertanejas que se incendiaram na Avenida Rio Branco

A força do mundo

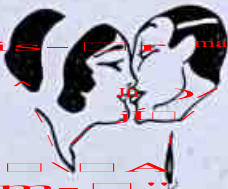
Idéa genial genialmente executada teve o individuo que se phantasiou de Brasil.

Mettido numas exdruxulas e um tanto surradas vestes verdes e amarellas, com uma triste mascara inexpressiva grudada na face, andava o homem a rolar pelas ruas, sacudido e empurrado por toda a gente. A's vezes, numa voz dorida, murmurava:

— Me arrespeitem! Eu só o Brasil.

Pelos Theatros

Um artista nacional de theatro tomou-me á parte e fez-me uma grande queixa das companhias portuguezas, das suas gentes e dos seus processos. Fiquei perplexo e não tive de prompto que responder.

Armado de razões e dispondo de uma grande vontade de brigar, aquietei-me, entretanto, num mutismo que augmentou a desolação do pobre queixoso.

Dei-lhe razão, porque sempre dou razão a todos os vencidos e porque voto de coração o maximo desprezo a todos os vencedores na vida: sei como se luta na sociedade e em theatro, acompanho com uma desinteressadissima philosophia, as manobras indecorosas de toda a gente que se propõe arranjar dinheiro e fama, e vejo com uma limpidez perfeitamente imparcial os resultados dos processos que se empregam por ahi para alcance das coisas que trazem resultado material ou moral.

Em theatro, como em tudo, a concurrencia está aberta a todos, sejam ou não idoneos, sendo que a idoneidade no paiz se resume ao uso corrente da lingua portugueza.

Ora as companhias transatlanticas vêm amparadas com o prestigio dos *Luziadas* e contam com a colonia; as da terra limitam-se ao *Caramurú* e não sabem a força dos «cordões». Aqui chegando, os emigrantes fraternisam com os naturaes para desarmar os que ainda não estão divididos.

Muito mais traquejados na luta pela vida e muito melhor amparados pela decisão irrevogavel de ganhar e *parvenir*, elles tomam a offensiva, invadem os palcos e unificam as platéas, organisando assim um reducto de onde partem para o assalto e onde poderão abrigar-se na derrota; ao passo que os nacionaes, como os selvicolas, batem-se em campo aberto, de tanga, arco e boré.

Não quero resumir aqui a historia geral da conquista no seculo XVI; mas ainda hoje no commercio e no theatro se reproduzem ontogenica e philogenicamente as scenas e feitos da nossa desenxabidissima e prosaicissima historia nacionalisada.

O meu queixoso patricio tomou-me por um sujeito capaz de ter patriotismo e capaz de levar o theatro a sério. Enganou-se e justificou a minha perplexidade. Eu olho para o Brazão e para o Eduardo das Neves, para a Palmyra Bastos e para a Bugrinha como para iguaes com o mesmo olhar de piedosa indifferença. Vejo desembarcar no Pharoux a tropa do Sr. Silva com a mesma quietude com que vejo a companhia nacional Souza embarcar para Ribeirão das Lages.

Nem uma nem outra me divertem ou, antes, não sei qual das duas me aborrece mais. Si a primeira emigra de saccola armada contra a colonia, a segunda marcha de joelhos para a Prefeitura a supplicar os soldos do erario municipal. Arte? Ideia? Belleza? Coragem moral?

Isso não é com elles; taes coisas são hoje, na nossa execravel sociedade burgueza, absolutamente incomportaveis nos limites das profissões chamadas liberaes. E o theatro está nesta classe. Meio de vida é para todos, para o indigena e para o emigrante, para o puxa-vistas e para o critico diario. E levam-n'o a sério? Pois então é aguentar no duro. Essa luta a bacamarte faz a gloria dos economistas e o progresso das nações.

Ah! os scelerados!

Conde de Luxo em Burgo

INSTANTANEOS

Dr. e Sra. H. Roxo

Todos os ministros do actual governo enviaram representantes á posse do Sr. Seabra.

Todos? Não haveria alguma excepção? Nós, que não sendo informadores do publico mas meros commentadores de factos só sabemos, de ordinario, dos revelados pela imprensa diaria, ouvimos contar este caso:

Convidado, pelo Sr. Seabra, para designar o seu representante, o ministro Rivadavia não respondeu ao convite nem designou o representante. Procurado em sua residencia, pelo Sr. Seabra, que ia se despedir, o ministro do Interior mandou responder: *que não estava em casa.*

Ora, não tendo o titular da pasta da Justiça designado quem o representasse e querendo sanar tal esquecimento o Sr. Seabra mandou convidar para fazer parte da sua comitiva o enteado do ministro, ao qual enteado deu o chrisma bizarro de Rivadavia Correia Filho.

Sabedor de tal cousa, o ministro Rivadavia chamou o seu enteado á sua presença e de tal modo se entenderam que este voltou a usar o seu verdadeiro nome e não foi á Bahia.

Os freguezes do confeiteiro

Um confeiteiro famoso no Rio, conversando, por acaso, com um jornalista, sobre os habitos e qualidades da sua freguezia, dividio-a nos seguintes grupos:

1º — o dos que beneficiam a casa fazendo largas despezas e a honram com os seus nomes illustres.

2º — o dos que apenas fazem despezas,

3º — o dos que apenas dão honra.

4º — o dos que levam pessoas que fazem gastos.

5º — o dos que não gastam, não honram a casa e nem levam consumidores.

6º — o dos que espantam os freguezes mordendo-os com crueldade.

7º — o dos que afugentam a clientela dizendo mal da vida alheia.

8º — o terrivel grupo de individuos em que se confundem as qualidades que caracterisam o 6º e o 7º grupos.

Não temos duvida em acreditar na victoria eleitoral do Sr. Miguel Rosa, candidato ao governo do Piauhy, pois as manifestações que lhe fizeram as creanças demonstram as preferencias destes eleitores.

Sussurro no gallinheiro

AS GALLINHAS — Tem folego de sete gatos. Readquiriu a sua bella voz.

Pingas Carnavalescos

O Barão do Rio Branco

Os tres ramos da poesia

Numa arguição semanal da aula de litteratura. O professor:

— Em quantos ramos se divide a poesia?

O alumno, embuchado.

— Em tres ramos. Não é exacto? disse o professor.

— Sim senhor.

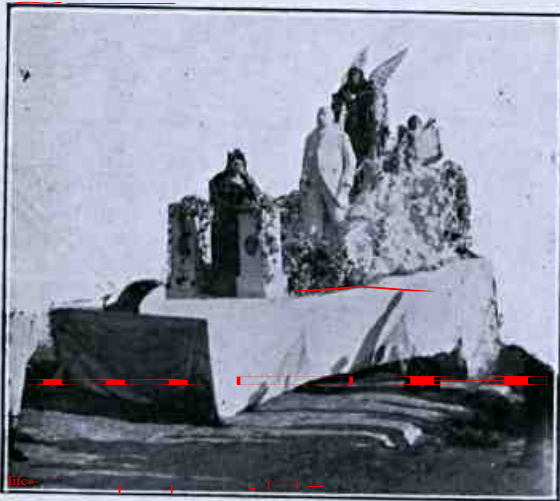
— Então diga. *Poesia ly...*

— ?!!...

— *Lyrica*. Não é?

— Sim senhor.

— O segundo é: *poesia dramatica*. Não é verdade?

— E o terceiro é: *poesia épi...* Diga ao menos o terceiro. O senhor não prestou attenção ás minhas explicações?

O alumno fazia um enorme esforço para se recordar, dizendo baixinho: poesia epi... poesia epi... epi... epi...

— Ah, já sei! exclamou por fim, em voz alta.

— Pois então diga.

Poesia epidemica.

Na calçada do Castellões conversavam sobre politica do norte, e veio á baila a politica de Pernambuco.

— Acho muito interessantes — disse um jornalista da roda — os nomes com que estão agora chrismando esses politicos. Vejam a alcunha de Dantas Barreto: *Cesar de Caxangá*. E' impagavel.

— E porque esse nome de Cesar? perguntou um bacharel em sciencias e letras, por Alagoas.

— Por causa do outro.

— Que outro?

— O Julio Cesar.

— Onde mora esse Julio Cesar?

— Já morreu, ha muito tempo.

— E quem o matou?

— Bruto.

— Bruto é você; seu cachorro! disse o bacharel, levantando-se com a bengala em riste.

Afinal explicou-se o *malentendu*, e o bacharel acabou dando satisfação.

Pingas Carnavalescos

O Pão de Assucar e a Urca no Seculo XXX

Pingas Carnavalescos

O Caracol

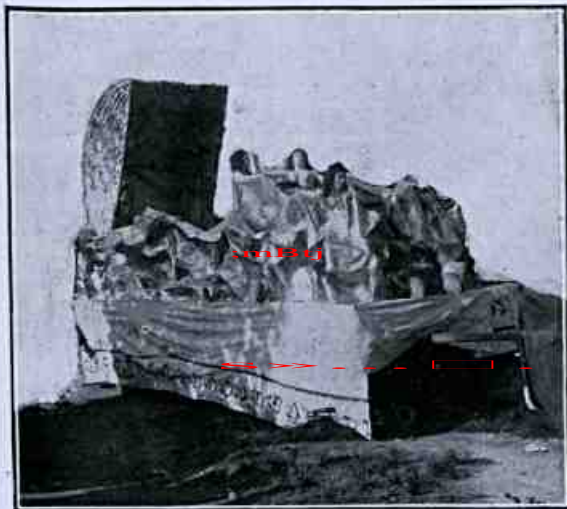
— Então, o Carnaval este anno?

— Pessimo, deploravel, triste.

— E' verdade, o Hermes não poupou o Carnaval.

— Sabes que vae ser demolido o Pão de Assucar?

— Neste governo, em materia de demolição, acredito em tudo.

Pingas Carnavalescos

Venus surgindo trez vezes das ondas

OS SELVAGENS

Espanto e susto de viajantes extrangeiros

Foi no Domingo da Paschoa.

Fieis que sahiam, ás onze horas da manhã, do officio religioso celebrado na matriz da Gavea, accorreram pressurosos para uma das ruas mais arvorejadas, quasi selvatica, de onde partiam, gritados com angustia em lingua estranha, brados de soccorro.

Emboccando na rua, ou na selva, os fieis viram um casal que fugia offegando. O homem, alto, barbado e loiro ostentava acavalado no nariz afilado um par de oculos reduzidos a monoculo pela quebra de um dos vidros. A dama, de rara elegancia, loira e de olhos azues esbugalhados pelo terror, perdera a sombrinha, largara a bolsa, espalhara na fuga flores exoticas e libertara um papagaio, que, como depois de soube, comprara de um preto por alto preço.

Les sauvages! Les sauvages! gritavam os apavorados extrangeiros fugitivos.

A taes brados, esmerilhando os arredores, os crentes de Christo perceberam, sahida de uma casinhola situada entre arvores de entresachadas ramagens, toda uma tribu de indios, com os aflantes cocares, os estridulos apitos que substituem os borés, e uma inerme bicharia ornamental.

Comprehendendo a razão do susto e da fuga, um brasileiro gritou num nobre francez de allemão viajado:

— Elles tem os trajes mas não os costumes dos selvagens.

O casal, arfando, parou. O nacional continuou:

— Não se assustem. Não se trata de indios authenticos. Esses são mulatos que se divertem.

— Mas, (perguntou, ainda assustada, em seu bello idioma, a bella franceza) não são mesmo selvagens?

— Não, não são selvagens.

O homem objectou:

— Nos cartões postaes e no cinematographo os selvagens são representados com esse vestuario, que não chega a ser vestuario.

— Sim. Os selvagens andavam quasi assim, mas esses, embora barbaros, não são selvagens.

— Certamente, tornou a franceza, pousam para o cynematographo.

— Não, madame. Esses homens vestiram-se assim porque estamos no Carnaval.

— Não é possivel! Carnaval na Semana Santa! Só na Africa. Hoje é domingo de Paschoa.

O brasileiro, meditando, coçava a cabeça. Os crentes de Christo, cheirosos de incenso, apertando-se em torno do grupo, não viam o estrangeiro, não percebiam o patricio sabido em linguas estrangeiras — viam a linda franceza.

O carioca, afinal, encerrando as meditações, falou:

— Nós, no Brasil, costumamos celebrar no Domingo de Paschoa a festa dos Antepassados. Vestimo-nos, neste dia, como elles se vestiam. Não extranhem, pois, os senhores, nem se assustem se encontrarem por essas ruas novas tribus de indios e grupos de negras minas: é o povo brasileiro que honra as suas origens.

O casal teve duas palavras de louvor para a nossa gente e para os nossos costumes.

— Estão ha muito tempo no Rio de Janeiro? perguntaram.

— Ha poucas horas. Somos passageiros de um navio que entrou hontem e sáe hoje.

— E' a primeira vez que vem ao Rio, madame?

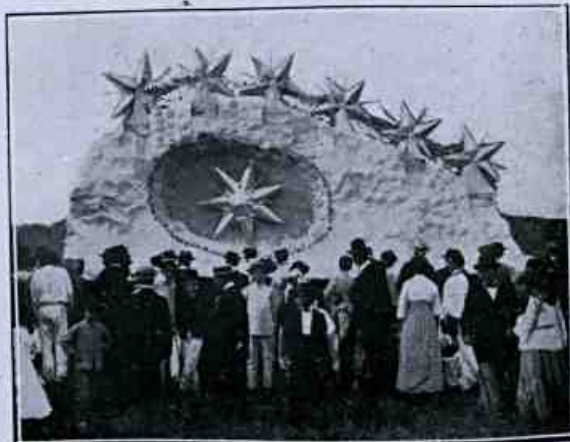
Mme. atirou rapidamente os olhos para os indios que faziam *lettras* ao longe e respondeu com precisão:

— E' a ultima.

Foi muito apreciado pelos foliões da Avenida, na terça-feira gorda (isto é na segunda, terça, quarta (não é isso na segunda terça-feira gorda) um mascara de avantajadas proporções que andava sorumbatico a palmilhar as calçadas sem dizer ao que ia.

O Emilio a alguem que estranhava aquella mudez, obtemperou:

— E' algum deputado diplomado por Estado do Norte libertado.

Pingas Carnavalescos

O Brasil oligarchisado

INSTANTANEOS

Na Avenida Rio Branco

RIDENDO...

Lingua de prata
Não tenho nem nunca tive ;
Si ella mente, si ella é exacta,
Que o diga quem aqui vive.

O carioca,
Do pé-rapado ao visconde,
Terriveis nauseas provoca
Cuspindo grosso no bonde.

O carioca,
Em longa prosa fiada,
Muito a gosto se colloca,
Tomando á gente a calçada.

O carioca
Cultiva a grossa pilheria
E as suas victimas choca,
Constante, na grande arteria.

O carioca
Não vê que não é bonito
Na rua trazer á bocca,
Junto ao cigarro, um palito.

O carioca,
Quando tem pressa, é damnado :
Perfura como uma bróca
Na rua o povo amontoado.

O carioca,
Quando procura logar,
Os seus semelhantes sóca,
Sem siquer se desculpar.

O carioca
Gosta de fogo de vista :
Quanta vez um simples phoca
Se intitula jornalista !

O carioca
E' das damas o supplicio
Quando um quebra-queixo embóca :
Não sabe domar o vicio.

O carioca,
Voando num auto aos fon-fons,
Seu eixo a custo desloca
Para saudar os peões.

O carioca
Poz o Rio que é um brinco,
Mas de costumes não troca ;
Ama os velhos com afinco.

O carioca...
Não são todos, já se sabe ;
Isto só vae a quem toca :
A carapuça... a quem cabe.

JEAN GRIMACE

Não figurou, como era de esperar, no Carnaval da Paschoa, o notavel Batalhão da Imprensa Nacional. Parece que os dignos funccionarios que o constituem, rebellando-se indisciplinadamente contra os desejos patrioticos veladamente expressos pelo distincto Sr. Armenio Jouvin não quizeram formar o grupo que sob a presidencia desse illustre chefe e com o nome de *Cordão do Engrossador*, iria fazer concorrencia ao *Ameno Resedá* nas festinhas ao marechal-Presidente.

Até a hora de entrar a nossa folha para o prélo o exercito restaurador chefiado pelo capitão Paiva Couceiro continuava a operar disperso na Galliza hespanhola.

Domingo. O Carnaval retumba nas ruas innundadas de gente. O Rio inteiro, das remotas populações do Curato de Santa Cruz ás da Gavea, borbulha no coração da cidade. Na Avenida Rio Branco um logar não hadesoccupado. A's dez horas, em frente á redacção d'*O Seculo*, vozes bradaram : Alas ! Alas ! A multidão olhou para o ponto de onde partiam os brados e, num esforço, comprimindo-se, fendeu-se em alas. E da rua de S. José á Caixa de Conversão repetiram-se os brados em marcha : Alas ! Alas ! seguidos do mesmo olhar e do mesmo movimento do povo. Grave, atravessando a multidão aberta em alas, com as enormes orelhas em pé, o focinho lustroso, deslisava solemnemente uma cabeça de jumento atarrachada num tronco humano. Deante dessa hybrida figura, a folia carnavalesca suspendia o seu riso delirante e, como á passsagem de um chefe de Estado, um vasto respeito dominava as gentes.

Porque extranha razão este bizarro povo brasileiro, cuja penetrante intelligencia tem sido tantas vezes assignalada pelo espanto de tantos sabios, de tal modo curva o dorso em reverencia deante da jumentice ? !

QUESTÕES GRAMMATICAES

SYNTAXE DE CONCORDANCIA

Ha muita gente que acredita que a concordancia das palavras é devida á syntaxe que tem esse nome. Faltariamos, portanto, ao mais sagrado dever profissional si não começassemos por destruir essa illusão: fiquem sabendo que esta syntaxe só appareceu quando as palavras já havia muito tempo concordavam umas com as outras; tal qual o caso d'aquelle politico que fallava por metaphoras, a vêr em que paravam as modas, para no fim da historia assumir attitudes de autor das concordancias eleitoraes.

Ora, a syntaxe de concordancia, que, ao apparecer, nada mais fez do que concordar com os factos consummados, tem ainda o desplante de mentir descaradamente em certos casos, como por exemplo: *sogra cordata*. Ahi estão um substantivo e um adjectivo que só concordam entre si em casos excepcionaes; entretanto a syntaxe dá essa concordancia como regra.

Outros casos ha em que, concordando em genero e numero, as palavras estão em franca discordancia de sentido; exemplo — *gelo quente*. Em outros casos a concordancia é demasiada ou pleonastica: *gelo frio*.

Os senhores naturalmente estão custando a acreditar nisto porque nunca o viram nas grammaticas; pois pódem estar certos de que a culpa não é nossa e sim das grammaticas.

Um defeito que frequentemente temos encontrado nos grammaticos, no decurso das nossas pesquizas philologicas, é encararem apenas um aspecto das questões. Já mostramos, por exemplo, em outros artigos, que, tratando da formação do plural, esqueceram-se da formação do singular; e, tratando das conjuncções, esqueceram-se de crear a classe das injuncções.

Ora, o mesmo facto se observa a respeito da syntaxe de concordancia: como facilmente se infere dos exemplos citados, é imprescindivel a creação da syntaxe de discordancia, não só para attender aos casos em que a concordancia é absolutamente impossivel, mas tambem para não desgostar as pessoas muito numerosas na actualidade, que escrevem sem obediencia a qualquer especie de syntaxe.

FILO-LOGO

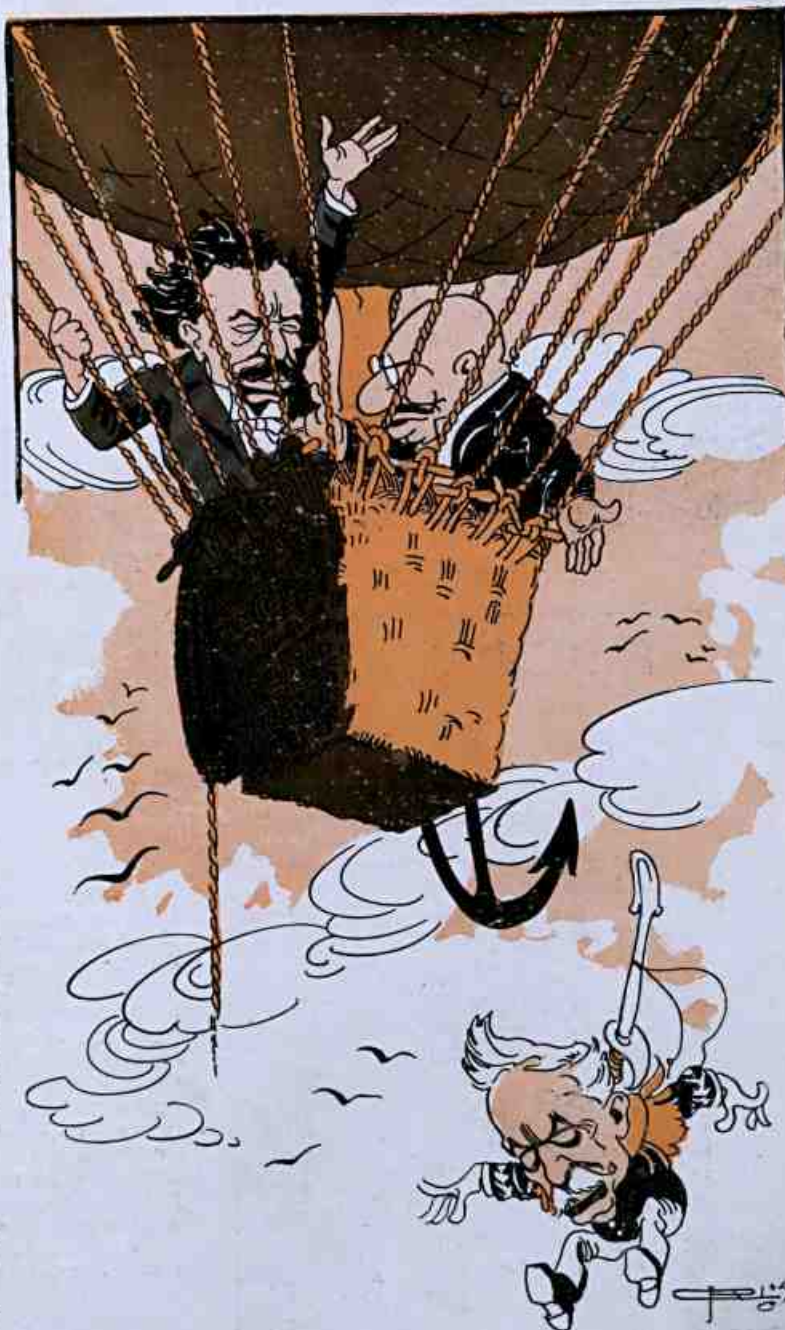
Appareceu, na Avenida Rio Branco, no Carnaval, um taciturno individuo mascarado de urso.

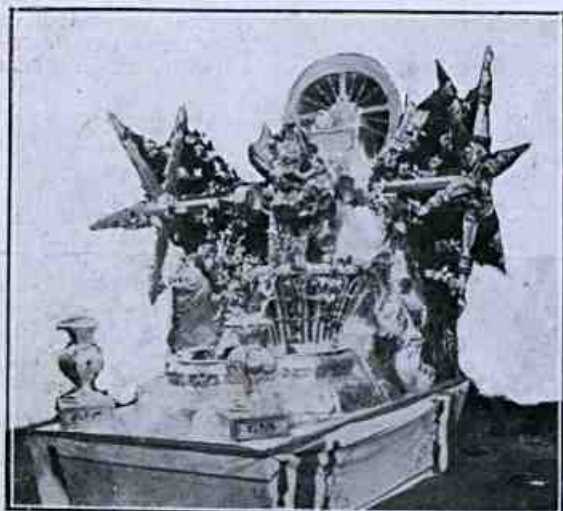
— Quem será? Quem é? Perguntava-se, com vivo interesse, á passagem do taciturno mascarado.

E' Fulano, é Sicrano, é Beltrano e todos os politicos, do humilde capitão José Augusto do Amaral ao guindado marechal Hermes eram adivinhados sob a mascara do urso.

O Sr. Euclydes Malta, que já tirou o chapeu alto e desceu do automovel, merencoreamente tomava um sorvete no *Ponto* e logo, á primeira vista, reconheceu o taciturno phantasiado e desmascarou-o sem furor, dizendo:

— Ahi vem o Raymundo de Miranda.

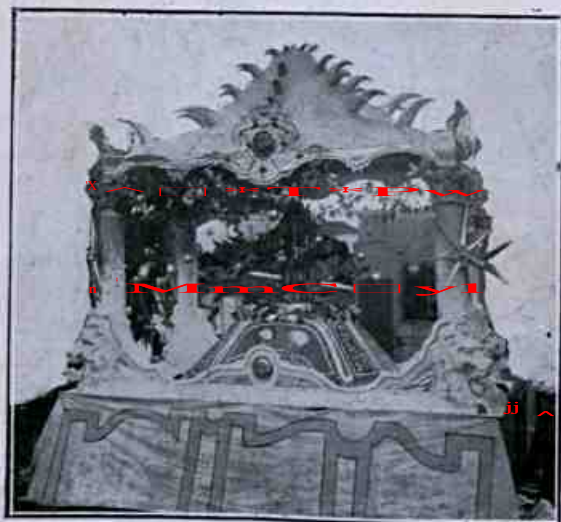
Alijando o lastro

MARECHAL — Prompto, seu Pinheiro. Agora já não me resta mais nada. Em ultimo caso atiro-te a ti.

CARETA
Os chaleiras de Botafogo

A olygarchia bifronte

CARTAS DE AMOR

(GRACIOSA CONTRIBUIÇÃO PARA O MELHORAMENTO DAS RAÇAS E SUBSIDIO Á TIMIDEZ DOS EGRESSOS DEFINITIVOS)

«Meus olhos te exaggeram. E' impossivel que tu sejas tão formosa quanto eu penso. A prova? Tu nunca m'a darás. Não vale mesmo a pena que eu a tenha. Sem receiar um desengano, apraz-me imaginar-te assim formosa e não quero ver sinão o que outros vêem.

Esse, que te possue e em cujo ar pacifico e burguez sinto a indifferença da fartura, nunca de longe imaginou-te as graças sobrehumanas e as formas de excepção que te distinguem do resto das mulheres. Entretanto elle te tem com o mesmo ar de enfado com que tem os livros de uma estante e o unicornio em ouro.

Objecto de luxo, como és, já me parece justo que tu sejas a posse de um burguez; só o burguez é bastante audaz e cabotino para cuidar de uma estatua do valor que tens. Exhibir-te, explorar-te, mudar o teu amor em cerimonia, aproveitar-te para insultar os rivaes e esmagar artistas e poetas, eis tambem o amor desse que te possúe.

Vives bem, calma e prospera, sem medo de paixões perturbadoras e da fome ou da morte que nos ameaça a nós os incapazes de mercadejar. No ambiente burguez desse teu dono, a formosura é nada porque o ouro é tudo. Custavas cáro, quem te arremataria? elle com a banca e a loja ou eu com trez cartas de amor e uma bomba em preparo para a luta?

Mais burgueza talvez, como todas as mulheres, tu devias ceder áquelle que te avaliasse pelo cambio e que podesse assegurar-te o pão a ti que és incapaz de trabalhar.

A formosura não viste tu em frente ao teu espelho, porque nunca a puzeste em frente dos meus olhos. Em frente aos delle frios *bisautés* como os de aço, a belleza esplendente desta carne nem ao menos dará para perpetuar-se em filhos. Custas caro e os filhos aggravar-te-iam o orçamento: o burguez ama em conta corrente. Elle te vira bem, vira justo como um mercador de escravos: valias tanto (a carne é cara).

O amor, essa coisa esplendente e revoltante, nunca ha de fazer-te estremecer o coração e as fórmas.

Esse amor é o meu, animal e hellenico, creador da belleza e gerador da vida. Nos meus braços nervosos nunca has de ter as sensações supremas.

Tu me és prohibida em formosura, em plasma e muito mais ainda em espirito e ideia. Coisa possuida, és de um possuidor e desceste de deusa a animal domestico. Nunca te hei de ter porque a lei defende a propriedade, e si uma tal razão não te ha feito corar, a mim me faz sorrir.

E que eu te sou tambem prohibido. Esculptor e poeta, artista e revoltado, o meu amor é uma recompensa que tu não poderias merecer. E's bella porque eu sou generoso; sem o meu amor tu engordarias e augmentavas o valor em carne da propriedade alheia.

E' impossivel que tu sejas tão formosa; meus olhos te exaggeram.»

DIERRE EFFE.

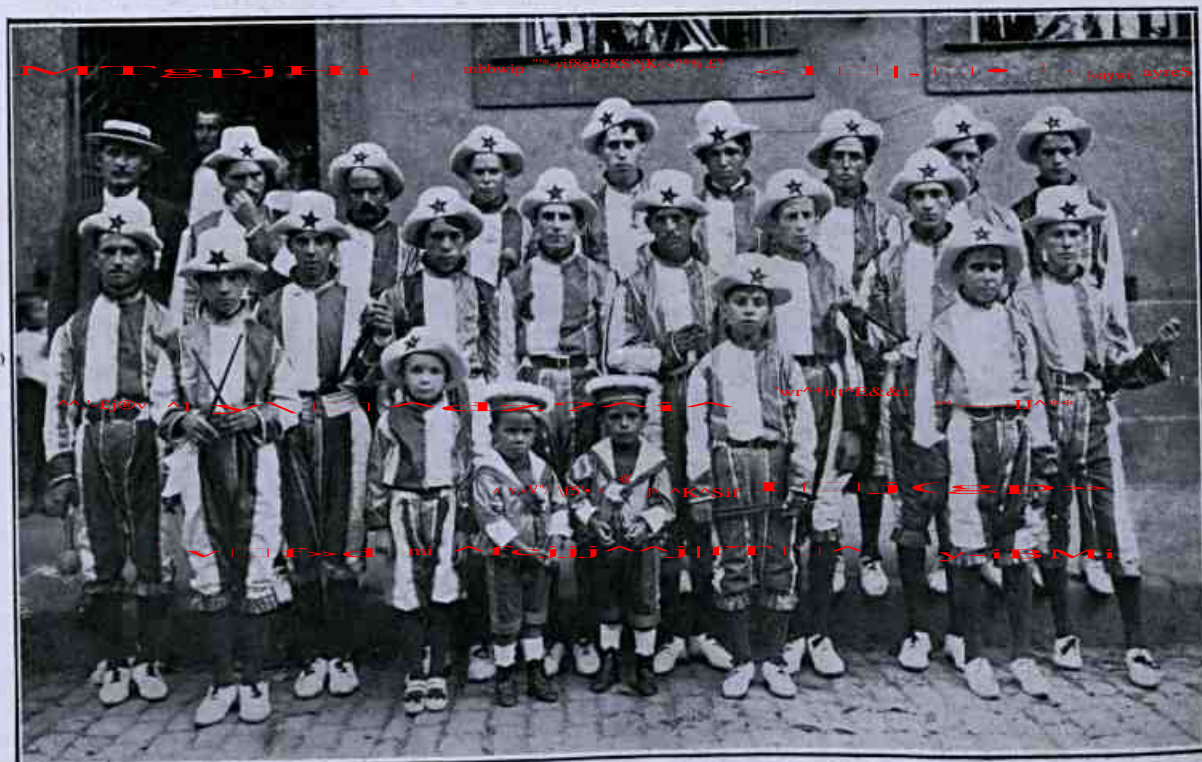
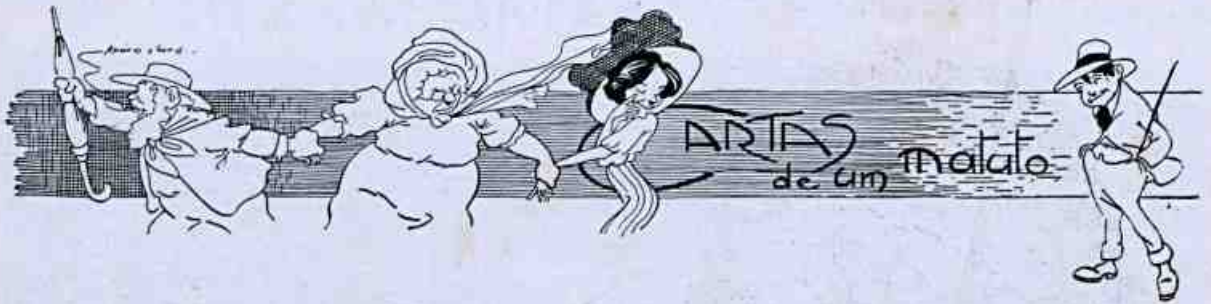
Os chaleiras de Botafogo

Os moinhos de vento

Os chaleiras de Botafogo

O templo da immortalidade

CARNAVAL

Filhos dos Teimosos

Filhos dos Teimosos Carnavalescos

Minha comade Thereza,
Passou-se a Semana Santa
De uma maneira tão fria
Que a gente se benze e espanta;
Hoje inté na Sexta-Feira
Tem gente que ri-se e canta
E, como nos outros dia,
Armoça, merenda e janta

Quem é mais que qué sabê
De i na igreja e jejuá,
Quando vê os otomove,
Cruzando pra lá pra cá,
Convidando os pagodeiro
Pra tomá fresco e forgá,
Mas, já se sabe, querendo
Um dinheirão esbanjá!

Despois da Semana Santa
(Isto agora é novidade)
Houve mais um carnavá,
E nos tres dia a cidade
Encheu-se a mais não podê,
Apezá que as sociadade
Não mostraro carros cheio
De riqueza e habilidade.

Não sei si ainda teremo
Um terceiro carnavá;
Este povo daqui gosta
Que é uma coisa de espantá;
Parece que, si, argum dia,
Os governante deixá,
Todos os sabbo e domingo
Carnavalesco será.

Mas, como eu ia dizendo,
Já são bem poucos os crente
Que cumpre cos seus devê;
Hoje em dia toda gente
O que qué é adiverti,
E inté Christo padecente
Serve pra dá espetaco,
E sempre com grande enchente.

Os home que tem cinema,
Quando chega sexta-feira,
Co'a paixão de Jesus Christo
Enche bem as argibeira;
O povo é tanto, comade,
Que occupa toda as cadeira
Pra vê as fita que amostra
De Jesus a vida inteira.

Na minha fraca pinião
Tudo isso é grande peccado;
Mas os padre não diz nada
Nem os home são chamado
Pra sê prohibido o espetaco,
Apezá de sê danado
O tá dotô Belisaro
C'os atheu mardiçoado.

A' vista disso, comade,
Como Biella queria,
Fui vê tambem essas fita,
Mesmo porque já não ia
Ha quasi um mez no cinema.
E qué sabê? Parecia
Que era mesmo de verdade
As coisa que a gente via.

Era com todo o respeito
Que o povo ia apressiando
E inté mesmo siá Biella
Não fez, felizmente, escando;
Somentes quazi no fim,
Quando eu ia cochilando
Cordei co diacho da véia,
Com raiva me cutucando.

As antiga porcissão,
Tão bonita, se acabaro,
Agora esse santo nome
Sabe no que é que botaro?
Nos sordado quando sae
De noite ou do dia craro
Pra fazê revoluçãos.
Veje adonde já chegaro!

Quando eu a premeira vez
Nas foia tá coisa li,
Não sei si pro guinorancia
Na hora não entendi.
Despois foi que me expricaro
O que qué dizê aqui
Quando começa os boato
Que a procissão vae sahi.

Tambem fazem porcissão,
Mas essas são de carruage,
Quando contece um chefão
Vortá de arguma viage.
Si a coisa fosse na roça,
Diziam que era bobage,
Mas, como é aqui na Côrte,
Chamam isso de homenage.

Na Bahia, agora ha pouco,
C'o novo governadô
Fizero ainda mió:
Do carro adonde elle entrou
Tiraro á força os cavallo
E o povo despois puxou.
Nem que o home fosse um santo
E o carro fosse um andô!

Agora tudo são frô,
Mas, quando as coisa virá
E elle fizé como o Danta,
Veremo quem vae tirá
Do carro delle os cavallo.
O ponto é elle mandá
Baraiá, como o outro fez,
Os typo de argum jorná.

Isso de não vesti farda
A's vez não qué dizê nada,
Pois tem bastantes paisano
C'o as cabeças esquentada,
E o tá da Bahia é desses,
Tanto assim que a baruiada
Que houve pro lá, todos sabe,
Foi só pro elle ranjada.

E bastantes militá
Inda exeste, felizmente,
Que são homes de juizo;
Esses fala francamente
Que o governo não foi feito
Pros generá e os tenente.
Desses correcto o Trombosque
E o Caetano tão na frente.

Não vale a pena, comade,
A gente se mofiná;
Os juizo tão ardendo,
Mas a carma ha de vortá;
Diz o ditado que bem
Que sempre dure não ha,
Mas tambem má não exeste
Que não se veje acabá.

Comade, tou com sodade
Dos seus bello requeijão,
Que fôro sempre ocê sabe,
A minha grande paixão;
Mas, pro mode eu me contê,
Não me mande muito não.
Seu compadre e amigo véio
Tiburcio d'Annunciação.

INSTANTANEOS

Na praça Duque de Caxias

O ESPIRITO MASCARADO

O distinctivo, o caracteristico do mascarado é não ter espirito. Não sei se é a mascara que abafa o espirito, ou se é o espirito que é incompativel com a mascara. Pendo para a segunda hypothese. Parece-me que um individuo de espirito póde fazer todas as tolices imaginarias menos a de enfiar o rosto numa mascara de papelão, com calor de quarenta gráos, para divertir o proximo, sem que o proximo saiba quem é que o está divertindo. Todavia appareceram este anno alguns mascaras menos insôssos do que o commum da classe.

* * *

Um *burro*, com grandes orelhas e oculos de mica abordava o transeunte e fazia esta pergunta rimada:

Que havia de acontecer
Se o nosso Pires Ferreira,
Fosse, em vez de senador,
Um tamanduá bandeira ?

O transeunte vacillou. E dizia o *burro*:

— Viria para nós a anarchia.

— Porque?

— Porque elle daria o primeiro abraço nos nossos homens publicos que fossem chegando á evidencia, e os pobres presidentes, ministros etc., sahiriam dos braços delle para o Cajú. E os politicos acabavam. E não tendo quem nos governasse viria a anarchia...

Em geral, no meio desse arrazoado, o *burro* era mandado bugiar.

* * *

Um *soldado*, com a bainha do facão vazia, pendente da cinta, andava em passo soturno. Parava em frente a uma pessoa e apontava para a bainha do refle e deixava cahir as mãos, até provocar esta pergunta:

— Que é do seu facão?

— Bebi-o.

— Bebeu ? Como ?

— Vendi-o por dous mil réis; converti-os em cognac; e bebi...

E sahia muito satisfeito com a semsaboria.

* * *

Na rua Conde do Bomfim seguia, a passo, um carro funebre com um defunto, num caixão sem tampa. Enfeitando o carro, corôas e flores. De vez em quando o *defunto* sentava-se no caixão, limpava o suor, bebia um pouco d'agua duma garrafa que tinha ao lado e tornava a deitar-se e a cruzar os braços sobre o peito.

Os transeuntes, intrigados, indagaram que significaria aquillo. Quando cercavam o carro o cocheiro dizia:

— Senhores, com licença!

— Que significa essa critica ? perguntavam.

— Não é critica a coisa nenhuma! Respondia o cocheiro.

— Mas então, que é isso?

— E' meu patrão, que é um homem methodico. Elle vai embarcar na Central e quer ir já prompto...

Emquanto os circumstantes riam, o cocheiro sério, chicoteava o animal e ia seguindo:

— Com licença, com licença... que não queremos perder o trem.

A SUGGESTÃO DE UM QUADRO

— Mamae, de quem é aquelle retrato?

— Da senhora do Dr. Guimarães.

— E' tua amiguinha, é mamãe?

— Não, conheço-a de vista.

— E porque está nua?

— Não está nua, menina. Não vês que está vestida com os seus cabellos?

— E tu, porque te não vestes assim, mamãe?

— Porque não tenho os formosos cabellos que ella tem, porem hei de chegar a tel-os.

— E eu tambem, não é verdade.

— Sim, tu tambem.

— E depois sahiremos as duas à rua como essa senhora?

— Claro que sim.

— Mas que é que vamos fazer para obter assim um manto de cabellos?

— Logo que começarmos a usar a sua magnifica loção que vamos usar hoje mesmo.

— A loção? Que vem a ser isso, mamãe?

— O maravilhoso Tricofero de Barry, que é o que tem usado sempre essa senhora para fazer crescer e conservar o cabello.

— Ah! Será uma agua que papae deita na cabeça todos os dias... Porem elle está cada vez mais careca.

— Não, minha filha. Essas loções são perfumes variados e penetrantes que todos os perfumistas e cabelleireiros apregoam, são a verdadeira ruina do cabello. Essas queimam o bolbo capillar em vez de proporcionar-lhe vigor, de estimular o crescimento do cabello e de limpar hygienicamente o couro cabelludo, conseguindo-se tudo isso com o uso assiduo e discreto do Tricofero de Barry, que é a unica combinação sã, innocua e verdadeiramente hygienica e benefica entre todas essas que se tem inventado por ahi, para dar força, brilho, e belleza aos nossos cabellos.

— Deveras, mamãe? Então vamos deitar um pouco d'isso na careca do papae, que o pobresito já não sabe como pentear os ultimos quatro fios de cabello que lhe restam para cobrir a sua nuca, e então, tambem graças ao Tricofero de Barry, talvez possamos brilhar os tres, nas praias de Copacabana, vestidos como a senhora d'esse quadro.

SEMANA SANTA

A lavagem dos pés na matriz da Gloria

ORACULO

Domingo — O Sr. ministro da Fazenda almoçará em casa do senador Pinheiro Machado, presidente da Republica.

Segunda-feira — O Sr. ministro da Guerra conversará com o Sr. Pinheiro Machado sobre o destino a dar ao general Menna Barreto.

Terça-feira — O Sr. ministro da Marinha falará ao Sr. Pinheiro Machado sobre o caso das culatrinhas.

Quarta-feira — O Sr. ministro do interior conferenciará com o Sr. Pinheiro Machado a proposito das crueis occurrencias havidas no Hospicio de Alienados.

Quinta-feira — O Sr. ministro da Agricultura discutirá com o Sr. Pinheiro Machado a situação do rodolphismo em S. Paulo.

Sexta-feira — O Sr. ministro da Viação apresentará ao Sr. Pinheiro Machado os projectos que elaborou.

Sabbado — O Sr. minisiro das Relações Exteriores passará a perna no Sr. Pinheiro Machado na questão da futura successão presidencial.

MME. DE THEBES

O Sr. Luiz Domingues, governador cinematographico do Maranhão, ordenou á sua policia que não acatasse a ordem de *habeas-corpus* expedida pelo juiz de Caxias.

Com este acto quiz o governador classico demonstrar que estando o Estado sob o regimen normal da desobediencia á lei não necessita de libertador.

Devido a circumstancias do Carnaval ter coincidido com a Semana Santa, o Sr. conego Biltre não compareceu, como era seu intento, aos bailes carnavalescos do *High Life*.

Meditação

— Estou aqui a pensar si o Barbosa Gonçalves foi mesmo aonde o Menna Barreto lembrou-se de mandal-o...

O THEATRO NACIONAL

A opinião do general Dantas Barreto

Desejando contribuir para o brilho do inquerito aberto pel'*O Paiz* sobre o nosso Theatro, considerando o exito obtido pela *Condessa Herminia* e as divergencias que separam os nossos illustres collegas do egregio autor da grande tragedia, enviamos ao general Dantas Barreto um telegramma em que lhe explicavamos essas coisas e pedíamos, telegraphicamente, a sua opinião, supplicando-lhe tambem perdão por não enviarmos, para entrevistal-o, um representante ao Recife, pois os nossos redactores tambem amam a vida.

O grande general respondeu nos seguintes termos:

Careta — Rio — Devido seus elogios esqueço vossos ataques. Me pergunte e eu responderei-lhe. Saudações — *Dantas*.

Logo trocamos, á guiza de phrases de um dialogo, os seguintes telegrammas:

Dantas — Recife — Quaes as suas idéas sobre a evolução do Theatro Nacional?

Careta — Rio — Acho falta disciplina literaria em applicar a lei de Darwin ao Theatro. Cumprimentos — *Barreto*.

Governador — Recife — Que influencias extrangeiras actuaram sobre os nossos auctores?

Careta — Rio — A das representações. Abraços — *Emygdio*.

Governador — Recife Que pensa dos nossos actores?

Careta — Rio — O Sr. João Barbosa, que não tenho a honra de não conhecer, deixou uma bonita fama no João Minhoca, no tempo em que era cadete. Os que representaram a *Condessa Herminia* eram tão estupidos que fizeram a platéa se rir nos actos mais succumbiveis — *Governador*.

Dantas — Recife — Acredita na efficacia da Escola Dramatica?

Careta — Rio — Não conheço as opiniões della sobre o meu passado literario. *Margarido Nobre*.

Governador — Recife — Suas opiniões sobre o feminismo no Theatro?

Careta — Penso que se póde fazer bandalheira nos actos do meio contanto que se acabe com uma lição de moral — *Herminio*, conde.

Governador — Recife — Quaes são, no seu conceito, os nossos melhores autores dramaticos?

Careta — Rio — São os valentes companheiros que votaram em eu na heroica Academia de Lettras. Saúde e fraternidade — *General governador*.

Governador — Recife — Quaes são, no seu entender, os melhores meios de promover, actualmente, o engrandecimento do nosso Theatro?

Careta — Rio — A modestia me manda calarme — *O governador*.

Dantas — Recife — Queira V. Ex. receber os nossos agradecimentos — *Careta*.

São essas, reproduzidas com fidelidade telegraphica, as opiniões do Sr. general Dantas Barreto sobre o Theatro Nacional.

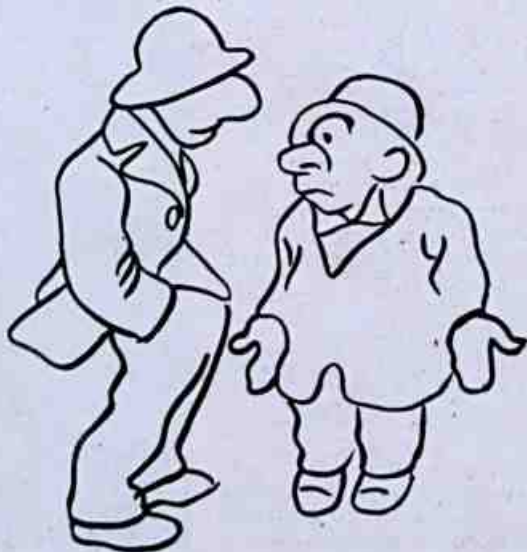
Um redactor de *Careta* estava lendo uma revista ingleza e num trecho importante esbarrou numa palavra desconhecida.

— Ah! Si o Tigre, que esteve nos Estados Unidos, estivesse aqui! exclamou o leitor.

— E' verdade, ajuntou o Conde de Luxo em Burgo, si o Tigre estivesse aqui com um bom diccionario com certeza traduziria essa palavra.

— Você ainda gosta hoje da pinga, como antigamente? perguntou um amigo a outro, que não via desde annos.

— Não; responde o outro. Hoje eu gosto mais.

Resolução hermista

— Não ha remedio, Jagodes; temos que arranjar uma *seabrada* com os credores.

Perto de nós, no sonho da innocencia
um timido canario
vibrava uma canção,
pura e singela como os seus folguedos.
Tu escutavas, muda, os meus segredos.
Aquellas negras folhas da existencia,
folhas do meu breviario,
passavam-me de novo pela mão,
como rolam nos dedos
na mystica oração,
as contas, tambem negras, de um rosario.
Consola tanto sepultar-se a dor
no perfume de um seio,
no seio de uma flor!
Sim, ó flor virginal, consola tanto!
A's ancias sobreveiu,
como que por encanto,
uma dulcissima, profunda calma,
quanto em teu collo desatei o pranto
que me afogava esta alma.
Sentia-me mais leve.
Porém, a calma dissipou-se breve:
lembrei-me com tristeza, após instantes,
que esse rocal de funebres diamantes
cobriria de lucto
o teu collo de neve.
Então meus olhos, tremulos e amantes,
perderam-se um minuto
entre bordados e gentis refolhos...
Teu seio estava enxuto.
E as lagrimas que os meus verteram antes
brilhavam nos teus olhos.

Eugenio Savard

Confidencia

A' sombra da mangueira,
numa tarde de esplendidos fulgores,
eu te contava pela vez primeira
minhas intimas dores.
Pela arcada sombria do folhedo
filtrava um doce raio,
um tenue raio de ouro,
vindo beijar-te a fronte muito a medo,
em languido desmaio,
e enlaçar-se aos aneis de teu cabello
que é menos fulgido porém mais louro.
Já não digo mais bello,
do que esse fio de ouro
da cabelleira rutila do dia.
Brincava-nos em torno a meiga aragem,
attenta ao que eu dizia,
anciosa por sabel-o,
e de leve movia na passagem,
num tremulo gemido,
o leque da folhagem
e a renda que adornava-te o vestido.
Meu peito ao teu unido,
unidos nossos rostos,
revelei-te um por um, em confidencia,
meus acerbos desgostos.

AINDA PODE CURAR-SE!!!
NÃO DESANIME - SE SOFFRE DE
Nervosismo, Falta de memoria,
Terrores nocturnos, Tuberculose, Falta
d'appetite, Ataques,
Hysterismo, Anemia, Insomnia.
pode estar certo que
encontrou o remedio para curar-se este
medicamento chama-se
DYNAMOGENOL
é o rei dos tonicos e fortificantes,
é o mais bello e agradavel dos remedios
phospho-phosphatados, é
o mais experimentado, é o mais perfeito
e o mais assimilavel.
PHARMACIA MARINHO
186, Rua Sete Setembro, 186

CARETA

CARNAVAL

— Ora o conego Ignacio. Sepulta-se no sabbado de Alleluia.
— Coitado. Perde o Carnaval.

Meu criado Domingos

Meu criado Domingos foi o valete mais serviçal, fiel e honrado, de que ha memoria.

Encontrei-o um dia na rua, e como me parecesse franca a sua cara, perguntei o que fazia.

— Estou a procura de minha irmã.

— Perdeu então sua irmã?

— Não senhor; não perdi nada. Ella é que veio por sua vontade.

Comprehendi a sua intenção e, para auxilial-o, perguntei se sabia o numero da casa ou ao menos o nome certo da rua em que residia sua irmã.

— Ah, isso é que não sei; nem uma nem outra cousa.

— Mas então como a procura?

— Porque sei que ella por cá está.

— Por cá? Onde?

— Por cá, pelo Brazil.

Gostei da disposição do Domingos. Um homem que se mette, sozinho, á procura de uma irmã no Brazil é um homem de coragem e está em condicções de exercer as melindrosas funcções de criado de quarto.

Propuz-lhe o emprego e elle acceitou, desejando apenas (por curiosidade) saber que ordenado eu lhe pretendia pagar. Quando eu disse que além da casa e comida, elle ia vencer 20$000, Domingos arregalou os olhos e pedio a confirmação:

— O patrão disse vinte mil reis?

— Sim. Achas pouco?

— Patrão está a mofar de mim. Eu não sou dotôre...

Gostei tanto dos modos do Domingos, que fiz o sacrificio de diminuir-lhe o ordenado de 20$000 para 10$000, para que elle se resolvesse a entrar ao meu serviço.

Era um creado modelo. Ordem que eu lhe desse uma vez só era cumprida com exactidão mathematica.

Eu lhe determinei que molhasse o jardim diariamente, ás 5 da manhã e ás 5 da tarde.

A essas horas precisas lá estava elle, de regador em punho a desalterar as plantas.

Uma tarde estava o ceu carregado, nuvens acastelladas, e uma carga d'agua se annunciava imminente. Eram quatro horas. O Domingos entrou-me no gabinete:

— O patrão podia consentir que eu regasse hoje o jardim mais cedo...

— Sim. Não ha duvida.

— ... porque eu estou c'um maldito defluxo.

— E quer recolher-se cedo... Faz bem.

— Não é isso patrão. E' que a chuva não tarda a cahire. E se eu for regar o jardim debaixo d'agua peiorare...

Eu tinha recommendado ao Domingos que, todas as manhãs, tomasse a correspondencia, de cima de minha mesa e a levasse ao correio. E assim fazia elle pontualmente.

Uma vez deixei uma carta por sobrescriptar e fui dormir.

Na manhã seguinte não a encontrei mais em cima da mesa. Procurei no chão, debaixo dos papeis; nada... Por fim chamei o Domingos:

— Você viu aqui uma carta hoje de manhã?

— Vi, sim senhore.

— Com o enveloppe limpo?

— Sim senhore.

— Sem sobrescripto?

— Sim senhore.

— E que é della?

— Puz no correio.

— Pois, Domingos, como é que você põe no correio uma carta sem endereço?

— Eu pensei que o patrão não queria que o correio soubesse para quem era.

X.

LE BARON FAIT-BIEN

O pé metteu no mundo
O elegante Barão de Fabian,
Homem de tino e de saber profundo,
Intelligencia sã,
Que comprehendeu maravilhosamente
Ter ancorado no paiz das fitas,
E, muito docemente,
Exhibindo as maneiras mais bonitas
Que o manual do bom tom nos recommenda,
A muita gente boa
Acaba de pregar peça tremenda.
Chorae, amigos! Mas agora é atôa;
Si o pranto desabafa,
O rico arame voou pela janella.
A estas horas diz o cabra: — Safa!
Que grande entaladella,
Si o pessoal me descobre o grande plano!
Mas qual! Naquella terra hospitaleira
Pelo trabalho insano
Ganhar a vida é rematada asneira.

* * *

Muita gente quizera trucidar
O *barão* cara-dura,
Mas, com licença, deixem-me deitar
Um bocadinho d'agua na fervura.
Mediante uns magros contos
Que poucos benemeritos pagaram,
Sem que tenham talvez ficado promptos,
Todos aproveitaram
A grande ensinadella do *barão*.
La franchise, Messieurs, est mon defaut;
Eu lhe peço perdão,
Mas o que penso despejando vou:
Podeis, amigos, crêr: si eu fosse o Papa,
Que mande em *tout le monde*,
Distribuia aos papalvos muito tapa
E ao barão dava um titulo de conde.

JEAN GRIMACE

TOMBUCTÚ

O *boulevard*, esse rio de vida, formigava na poeira de ouro do sol poente. Todo o céu se achava vermelho, deslumbrante; e, por detraz da Magdalena, uma immensa nevoa chammejante lançava em toda a avenida um como que obliquo aguaceira de fogo, vibrante como um vapor de brazeiro.

A multidão alegre, palpitante, ia sob aquella bruma inflammada, como numa apotheose. Os rostos iam dourados; os chapeus negros e os fatos tinham reflexos de purpura; o verniz do calçado lançava chammas sobre o asphalto dos passeios.

Deante dos cafés, uma chusma de homens bebia bebidas brilhantes e coloridas que dir-se-iam pedras preciosas fundidas no cristal.

No meio dos consumidores de fatos leves mais escuros, dois officiaes em grande uniforme attrahiam todos os olhares com o brilho dos seus dourados.

Conversavam, alegres sem motivo, nessa gloria de vida, nesse brilho radioso da tarde; e olhavam a multidão, os homens vagarosos e as mulheres apressadas, que deixavam após ellas um cheiro intenso e perturbador.

De repente, um enorme preto vestido tambem de preto, pançudo enfeitado de berloques destacando-se sobre um collete de brim, a face luzidia como se estivesse encerada, passou por deante delles com ar triumphante. Elle ria para os transeuntes, ria para os vendedores de jornaes, ria para o ceu brilhante, ria para todo o Paris. Era tão alto que a sua cabeça sobrepujava todas as outras; e, por detraz delle, todos os basbaques se voltavam para o contemplar de costas.

Mas de repente elle viu os officiaes, e, encalhando com os assistentes, precipitou-se para elles. Logo que chegou deante da mesa a que elles estavam, plantou nos olhos delles os seus olhos deslumbrados, e os cantos da bocca subiram-lhe até ás orelhas, descobrindo os seus dentes brancos, claros como um crescente de lua num ceu negro. Os dois homens, estupefactos, contemplavam aquelle gigante de ebano, sem comprehenderem nada da sua alegria.

E elle exclamou, numa voz que fez rir os assistentes de todas as mesas:

— Bom dia, meu tenente.

Um dos officiaes era commandante de batalhão, — o outro coronel. O primeiro disse:

— Eu não o conheço, senhor; ignoro o que deseja da minha pessoa.

O negro tornou:

— Eu estimava muito a ti, tenente Vedié, em cerco Bézi, muita uva, buscava mim.

O official, cada vez mais passado, olhava fixamente para aquelle homem, rebuscando no fundo das suas recordações; mas bruscamente exclamou:

— Tombuctú?

O negro, radiante, bateu uma palmada na sua coxa, soltou um riso de uma inverosimilhante violencia e tartamudeou:

— Si, si, va, meu tenente conhece Tombuctú, va, bom dia.

O commandante estendeu-lhe a mão, rindo tambem com toda a alma. Então, Tombuctú pôz-se serio. Pegou na mão do official, e, tão rapidamente que elle não teve tempo de o evitar, beijou-lh'a, segundo o costume negro e arabe. Confundido, o militar disse-lhe em voz severa:

— Vamos, Tombuctú, nós não estamos na Africa. Assenta-te e dize-me como é que te encontras aqui.

Tombuctú dilatou o ventre, e, gaguejando, tanta era a pressa com que falava:

— Ganhado muito dinheiro, muito grande restaurante, boa comida, Prussianos, e roubado muito eu, muito cosinha fraceza. Tombuctú cosinheiro do Imperador, duzentos mil francos a mim. Ah! ah! ah! ah!

E ria, torcendo-se, roncando com uma grande loucura de riso que lhe transluzia no olhar.

O official, que comprehendia bem a sua extranha linguagem, depois de o interrogar por algum tempo, disse-lhe:

— Muito bem, até mais ver, Tombuctú; até logo.

O negro levantou-se de repente, apertou desta vez, a mão que lhe extendiam, e, rindo sempre exclamou:

— Bom dia, bom dia meu tenente!

E foi-se, tão contente, que até gesticulava ao mesmo tempo que caminhava, de modo que o podiam tomar por doido.

O coronel perguntou:

— Quem é este bruto?

O commandante respondeu:

— E' um rapaz muito bravo e um bravo soldado. Vou contar-lhe o que sei a seu respeito, é muito divertido.

* * *

Como sabe, nos começos da guerra de 1870 fui encurralado em Bézieres, a que aquelle negro chama Bézi. Não estavamos cercados, mas bloqueados. As linhas prussianas rodeavam-nos por todos os lados, fóra do alcance dos canhões, não atirando sobre nós, mas reduzindo-nos pouco a pouco pela fome.

Eu era então tenente. A nossa guarnição era composta de tropas de toda a especie, farrapos de regimentos fragmentados, desertores, marauds que haviam sido separados dos corpos do exercito.

Tinhamos de tudo, emfim, até onze turcos chegados uma noite, não se sabia como, nem por onde. Haviam-se apresentado ás portas da cidade, estafados, esguedelhados, esfomeados e esquálidos. Deram-mos a mim.

Não tardei a conhecer que eram rebeldes a toda a disciplina, sempre fora e sempre embriagados. Tentei corrigil-os pela detenção na caserna e até mesmo na prisão, e nada consegui. Os meus homens desappareciam durante dias inteiros, como si se enterrassem pela terra dentro, depois reappareciam a cahir de bebados. Não possuiam dinheiro. Onde bebiam? Como e com quê?

Começava o caso a intrigar-me vivamente, tanto mais que aquelles selvagens interessavam-me pelo seu riso eterno e o seu caracter de creanças grandes e traquinas.

Percebi, dentro em pouco, que elles obedeciam cegamente ao maior de todos, aquelle preto que ha pouco vimos. Elle governava-os a seu bel prazer, preparando as suas mysteriosas emprezas como chefe todo poderoso e incontestado. Chamei-o a minha casa e interroguei-o. A nossa conversação durou boas tres horas, tanto era o custo que eu tinha em perceber a sua impenetravel algaravia. Quanto a elle, o pobre diabo, fazia esforços inauditos para ser comprehendido, inventava palavras, gesticulava, suava, limpava a testa, parava e tornava a falar bruscamente, quando julgava ter encontrado uma nova maneira de se explicar.

Advinhei emfim que elle era filho de um grande chefe, de uma especie de rei negro de cercanias de Tombuctú. Perguntei-lhe o seu nome. Respondeu-me qualquer cousa assim como Chavaharibuhalikhranafotapolara. Pareceu-me mais simples dar-lhe o nome do seu paiz: «Tombuctú». E, oito dias depois, toda a guarnição não o tratava de outra forma.

Mas eu tinha uma curiosidade enorme em saber onde aquelle ex-principe africano encontrava de beber. Descobri isso de uma maneira singular.

Achava-me uma manhã sobre as muralhas observando o horizonte, quando divisei numa vinha, qualquer cousa que remexia.

Era chegado o tempo das vindimas, as uvas achavam-se maduras, mas eu não pensava em nada disso. Pensei que um espião se approximava da cidade, e organisei uma expedição completa para agarrar quem se aventurava a espiar. Eu proprio assumi o commando, depois de ter obtido auctorisação do general. Fiz sahir, por tres portas differentes, tres pequenos grupos, que deviam reunir-se perto da vinha suspeita e cercal-a. Para cortar a retirada ao espião, uma dessas divisões tinha de fazer uma marcha de uma hora pelo menos. Um homem que ficara em observação sobre as muralhas, indicou-me por signaes que a criatura que eu vira, não sahira do campo. Iamos em grande silencio, de rastos, quasi deitados nos carreiros. Emfim, chegamos ao ponto designado; desdobro de repente os meus soldados, que se atiram á vinha, e encontram.... Tombuctú viajando de gatas por entre as cepas e comendo uvas, ou antes abocando a uva como um cão que come a sua sopa, a plena bocca, arrancando os cachos ás dentadas.

Quiz fazel-o levantar; mas nem pensar nisso, e comprehendi então porque elle se arrastava daquelle modo sobre as mãos e sobre os joelhos. Desde que o plantaram sobre as pernas, oscillou alguns segundos, estendeu os braços e foi de ventas ao chão. Estava embriagado como nunca eu vi embriagado um homem.

Conduziram-o sobre uma padiola. Elle não cessou de rir em todo o caminho, gesticulando com os braços e as pernas. E ali estava todo o mysterio. Os meus *mécos* bebiam na propria uva. Depois, desde que se achavam bebados a ponto de não poderem bulir, deixavam-se ficar a dormir onde cahiam.

Quanto a Tombuctú, o seu amor pela vinha ultrapassava nelle toda a crença e toda a lei. Vivia dentro della á maneira dos tórdos, que elle de resto abominava com um odio de rival cheio de inveja. Repetia sem cessar:

— Os tórdos comem a uva toda, malditos!

* * *

Uma tarde vieram procurar-me. Apercebia-se na planicie qualquer cousa que crescia para nós.

Eu não tinha a minha luneta e via muito mal. Dir-se-ia uma grande serpente que se desenrolava, um comboio, que sei eu?

Mandei alguns homens ao encontro daquella extranha caravana que não tardou em fazer a sua entrada triumphal. Tombuctú e nove dos seus companheiros traziam sobre uma especie de altar, feito cadeiras de campo, oito cabeças cortadas, ensanguentadas e careteantes. O decimo turco trazia um cavallo, á cauda do qual um outro vinha amarrado, e seis outras bestas seguiam o segundo, amarradas da mesma forma.

Eis o que eu soube. Tendo partido para as vinhas, os meus Africanos tinham visto de repente uma fracção prussiana que se approximava de uma aldeia. Em vez de fugirem, tinham-se escondido; depois, logo que os officiaes se apearam, puzeram em fuga os uhlanos que se julgaram atacados, mataram as duas sentinellas, a seguir o coronel e os cinco officiaes da escolta.

Nesse dia, abracei Tombuctú. Mas percebi que elle marchava a custo. Julguei-o ferido; elle poz-se a rir e disse-me:

— Eu, ter provisões p'ra paiz.

Era que Tombuctú não fazia a guerra por honra, mas por ganho.

Tudo o que elle achava, tudo o que lhe parecia ter um valor qualquer, principalmente se brilhava, mergulhava-o na sua algibeira. E que algibeira! Um abysmo que começava no hombro e acabava nos artelhos. Tendo aprendido um termo de caserna, chamava-lhe a sua «profunda», e era a sua profunda, com effeito!

Tinha pois arrancado o ouro dos uniformes dos prussianos, o cobre dos capacetes, os botões etc., e tudo lançara na sua «profunda» que se achava cheia a transbordar.

Todos os dias, precipitava ali dentro todo o objecto luzente que lhe estivesse ao alcance dos olhos, como pedaços de estanho ou peças de prata, o que lhe dava por vezes um andar infinitamente patusco.

Contava levar aquillo para o paiz das avestruzes, das quaes elle parecia em verdade o irmão, aquelle filho de rei torturado pela necessidade de engulir corpos brilhantes. Se elle não tem a sua «profunda» que teria feito a todos aquelles objectos? Tel-os-ia engulido com certeza. Mas todas as manhãs a sua algibeira se achava esvaziada. Elle tinha portanto um armazem onde empilhava as suas riquezas. Mas onde? Nunca o pude descobrir.

O general, prevenido da façanha de Tombuctú, não tardou em fazer enterrar os corpos que haviam ficado na aldeia visinha, para que não fosse descoberto que elles tinham sido decapitados.

Os Prussianos vieram ali no dia seguinte. O maire e sete habitantes dos mais notaveis foram logo fuzilados, como represalias, como tendo denunciado a presença dos Allemães.

* * *

Chegara o inverno. Achavamo-nos fatigados e desesperados. Batiamo-nos todos os dias. Os homens, famintos, já não podiam marchar. Só os oito turcos (tres haviam sido mortos) continuavam gordos e luzidios, vigorosos e sempre promptos a baterem-se com o inimigo. Tombuctú continuava tambem a engordar. Um dia disse-me

— Tu tens muita fome, eu tem boa carne.

E entregou-me em verdade um excellente naco de carne. Mas de que? Nós não tinhamos nem bois, nem carneiros, nem cabras, nem burros, nem porcos. Era impossivel encontrar-se um cavallo. Reflecti em tudo aquillo depois de ter devorado a carne que elle me dera. Então veiu-me um pensamento horrivel. Aquelles negros haviam nascido muito perto do paiz onde se come carne humana! E todos os dias cahiam tantos soldados em redor da cidade! Interroguei Tombuctú. Não me quiz responder. Não insisti, mas recusei dahi em diante os seus presentes.

Elle adorava-me. Uma noite, a neve surprehendeu-nos nos postos avançados. Estavamos assentados por terra. Eu olhava impiedosamente os pobres negros, tremelicando sob aquella poeira branca e gelada. Como tivesse immenso frio, comecei a tossir, e senti qualquer cousa cahir-me em cima como um grande e quente cobertor. Era o manto de Tombuctú que elle me deitava pelos hombros.

Levantei-me, e entreguei-lhe o seu manto.

— Guarda isso, meu rapaz; tu precisas mais delle do que eu.

Elle respondeu:

— Não, meu tenente, para ti; eu não tem precisão, eu está quente, quente.

E contemplava-me com olhos suplicantes.

E eu tornei:

— Vamos, obedece, guarda o teu manto, assim o quero.

O negro então levantou-se, tirou o seu sabre que estava afiado a ponto de cortar como uma foice, e tendo na outra mão o largo manto que eu recusava:

— Se tu não garda manto, eu corta; ninguem tem manto, olé!

E cortava-o, com certeza. Por isso eu cedi.

* * *

Oito dias depois, tinhamos capitulado. Alguns de entre nós tinham podido fugir. Os outros iam sahir da cidade e entregar-se aos vencedores.

Dirigia-me para a praça d'Armas, onde deviamos reunir-nos, quando fiquei estupefacto deante de um negro gigante vestido de brim, que tinha na cabeça um chapeu de palha. Era Tombuctú. Parecia radiante e passeava, de mãos nas algibeiras, deante de uma lojinha em cuja montra se via dois pratos e dois copos.

Eu disse-lhe:

— Que fazes?

Elle respondeu:

— Eu não fui embora, eu é bom cosinheiro, eu fez comer cornel Algéia; eu faz comer Prussianos, rouba muito, muito.

Gelava a dez gráos. Eu batia o queixo deante daquelle negro vestido de branco. Então elle pegou-me pelo braço e fez-me entrar. Vi uma taboleta desmesurada que elle ia pendurar deante da porta, logo que partissemos, porque tinha alguma vergonha de que o vissemos.

E li, traçado pela mão de algum cumplice:

COSINHA MILITAR DE MR. TOMBUCTÚ

Antigo cosinheiro de S. M. o Imperador

ARTISTA DE PARIS — PREÇOS SEM RIVAL

Apezar do desespero que me roia, não pude suster o riso, e deixei o meu negro no seu novo commercio.

Não valeria mais que fazel-o ir prisioneiro? Como acaba de ver, elle escapou, o valente.

Beziéres, hoje, pertence á Allemanha. O restaurante Tombuctú é um inicio de desforra.

GUY DE MAUPASSANT

O Princez

Abalado, como é natural e justo, por ter perdido o unico ministro que lhe restava, o Princez não tomou parte nas festas promovidas, sob o patronato carnavalesco de Momo, em honra á sua gloriosa figura de Alteza Republicana, mas foi nellas representado por esses ephemeros *Princezes* de tres dias, aos quaes deve o seu régio titulo. Moço e já tenente, e quasi deputado, o Princez está revelando uma circumspecção que a muitos males furtará á Patria no dia em que se reflectir nos conselhos com que S. Altitude desnorteia o seu ingenuo Pae.

O nosso prezado e revolucionario companheiro Conde de Luxo em Burgo tem sido muito infelicitado pela morte do Grão-Duque de Luxemburgo.

Até á hora de entrar esta folha para o prelo os *a pedidos* do *Jornal do Commercio* não tinham publicado a lista de cartas, telegrammas e cartões recebidos pelo Sr. Arthur Lemos no dia do seu anniversario.

Parece que a causa da discreção agora observada pelo illustre senador é a diminuição de tal correspondencia em vista da bancarrota do lemismo no Pará.

LA CARÈTE ÉCONOMIQUE

Séction de propagande du Brésil à l'etranger

COMMERCE — FINANCES — INDUSTRIE — AGRICULTURE — CAVATIONS

Redaction et administration — Ici mesme. ◘ ◘ ◘ Assignatures — Quelque chose.

SERVICE TELEGRAPHIQUE

(PAR ET SANS FIL)

Belem, 12 — Le senateur Antoine Lemes a autorisé ses escribes de la Province a declarer qu'il ne deseje pas volter à la politique active et que la campagne movue contre le gouvernateur autre chose ne signifique sinon la volunté que cet acerte Cette declaration fut recebue avec incredulité par les lauristes et lapinistes.

Therezine, 12 — Les notices qui viennent de cette capitale annunciant les artigues que le candidat colonel Coriolain est publiquant dans les *a pedides* des journaux tiennent provoqué grand enthousiasme dans les 365 electeurs de l'opposition.

Fortalèze, 12 — Se realizèrent les electious pour president d'Estade ; chaque partide affirme convencidement qu'il a vençu ; mais le publique desconfié espère la reunion de la chambre pour savoir de que lade est la verité.

Paralybe, 12 — Le peuve d'ici ande damné de la vie pour se voir entre l'espade et la paroi, dun lade la magistrature politique de Mr. Epitace Personne et de l'autre le militarisme politique de Mr. Règue Terresmouillées. Avec certèze il prefererait un tercier.

Recife, 12 — Causa un grand succès la publication de la *Contesse Herminie*. Touts les journaux d'ici l'ont transcrevue avec une série extraordinaire d'elogits, la comparant aucuns aux oeuvres de Racine, Bostock et Shakespeare et autres grands escriteurs dramatiques contemporains et falleçus. Conste qu'un groupe d'amis von tirer une edition de luxe en 100 mille exemplaires pour l'espailler pour tout le Brésil.

Aracajou, 12 — Le gouvernateur general Siquière de Menezes acabe d'inaugurer sa reforme du Codigue Penal de l'Estade, substituant la peine de prison pour la rapation du coque, des barbes et sobranceilles des crimineux de vagabondage, de manière que quand ils vont ainsi pelés par les rues les criances les donnent une portion de vaies. Ce système et le de palmatoades tient donné très bons resultats.

Bahie, 12 — Le docteur Seouvre a compareçu au 84e banquet qui lui fut offereçu depuis qu'il a chegué. Furent pronunciés varies discours durant 13 heures et demie, de manière que les convidés se sentant à la maison aux 9 heures de la nuit seul se levantèrent aux dix de la matin seguint. Les discours comecèrent a être publiqués, s'esperant que jusque au fin du mois fiquent terminés.

Port-Alegre, 12 — L'exonèration du general Trompowsky a espanté beaucoup la gent d'ici, paraissant qu'elle fut fait par ordre du general Mène embourre il ne sèje plus ministre de la guerre.

Bel-Horizont, 12 — Les elections municipales courrent sans novité et sans pression d'espèce aucune dans la municipes en qui le gouverne disponhait de la majeurie. Dans les municipes civilistes les capangues et la police tant bien firent les elections librement.

CHRONIQUE

Les desastres d'estrade de fer — Sa frequence alarmante — Meies de les eviter — Ultimement presque ne se voit dia en qui n aye pas un desastre d'estrade de fer, aucuns deux, avec consequences três graves pour les personnes qui vont dentre où fòre des carres.

Iste est devu naturellement, en premier lieu à la presse avec qui marchent les trains; en segond lieu au peu cas que les machinistes faisent du materiel rodant; en terceire lieu à la cabule.

Pour corriger le premier motif, nous sommes de paraitre que se marque le limite maxime de la velocité pour 12 kilomètres à heure que est le bastant pour cheguer a temps et à heure a tous les lieus a qui l'agent deseje aller.

Quant au segond le mieux est d'interesser les empregués dans les lucres de l'estrade de manière q'une escangaillation de materiel represente pour ils tant bien une perde dans le fin de l'an.

Quante à la cabule, le meilleur meie de l'acaber est boter figues en baisse de touts les carres et locomotives et verifiquer quel« sont les empregués cabuleux, les mostrant l'oeil de la rue avec toute sans ceremonie.

Cets sont les meies pratiques. Mais si le gouverne entend même de acaber avec touts les desastres seul tient une chose a faire : suspender le trafègue et vender tout le materiel rodant comme ferres vieux.

Iste donnerait deux lucres : premier ne pas paguer les empregués du trafègue ce qui representerait une economie d'encher l'oeil eteu segond gagner de pancade une somme qui n'est pas pour desprezer dans les temps bicus qui courrent.

Pour servir le commerce de l'interieur et transporter les produits de lavoure, bastent les bourriques. Déjà a une portion d'ans Toto Nicosia, célèbre economiste italien a dit : le Brésil est un pays de burres.

Et iste chaque fois se confirme plus.

A. GUIMARAENS

INFORMATIONS GÉNÉRALES

La prolongation des œuvres du port continue a preoccuper l'attention du gouverne, pourquoi les navires ainde ne s'acostumèrent a atraquer pour les descargues de gent, de bagages et de mercadories. La difficulté est d'escueiller qui s'encarrègue de les faire tenant une portion de pretendents chacun armé de plus de pistolons idones. Esperons entretant que le gouverne fique ferme, seul escueillant un correligionaire, pourquoi ne le sejant, peut le concessionaire seul pour faire mal en fois de pierre boter tijolle dans les murailles de sort que à la première atracation viene tout en bas.

Les morateurs de la rue baron de Petropolis nous pétent pour chamer l'attention du Prefect pour le calcement qui est se faisant dans cette rue. Est une chose idéale d'adiantement et de progrèsse, qui peine est qui sèje seul pour cette rue là et non pour toute la cité. Ni l'asphalte est tant bon et tant commode. Les dits morateurs sont bien agradeçus à la Prefecture par le dit meilleurement.

Conste que attendant aux pedus de operaires de S. Christofe, le marechal-President va mander edifiquer en cet bairre tant bien une ville proletaire qui será denominè *Ville Cheireuse Creature*. Le socialisme marche.

FEUILLETIN

La Marguerite Noble

Drame de grand succèsse

EN 3 ACTES E 35 QUADRES

PAR

DANTES BARRETE

Acte 1.er — Scene IV

Le duc et Rodrigue

Horreur ! Et vous n'avez pas pegué le gatune.

RODRIGUE

Non. Je suis un desgracé ! Et mon patron quière que je pague le prejudice ou enton me bote dons le *xilindró*.

LE DUC (*commovu*)

Quant precisez vous ?

RODRIGUE

Une somme enorme. Cinq mille réis ! (*Le duc recue espanté.*)

SCENE V

Le duc, Marguerite et Rodrigue

MARGUERITE (*entrant*)

Vous ainde n'avez pas acabé la converse ? D. Rodrigue qui quizait ?

LE DUC

Une chose qui n'est pas de sa compte, Marguerite.

MARGUERITE

Bien se voit qui vous, duc, n'avez pas tomé chat em criance !

RODRIGUE (*intervint*)

Iste ne vaut pas la peine, done Marguerite. Pour ma cause je ne deseje pas que vous deux briguez. Je vais m'embourre. (*Rodrigue sort precipitément.*)

LE DUC (*soltant un soupir*)

Enfin ! De cette faquée j'ai escapé.

FIN DU PREMIER ACT.

ACTE II

SCENE I

Camp de Saint'Anne en die de bataille de fleurs. Le duc vient de carre avec Marguerite Noble et Jean François.

JEAN FRANÇOIS

Ih ! Mr. duc quel de peuve ! Parait un die de Carneval !

LE DUC

De certe. Enton Jean François vous penses que le peuve ici ne sait pas se divertir et gaster son dinheire ?

MARGUERITE

Et depuis, iste est une mostre de notre civilisation. Autre ore la gent se mettait en case, paraissant coruje et aucun botait la viste en cime de nous. Mais depuis qui se proclama la Republique, tout meilleura.

LE DUC

C'est la loi fatale et inexorable du progrès.

MARGUERITE

Dans sa terre tant bien n'a pas de batailles de fleurs *son* Jean François ?

(*Continúe*)

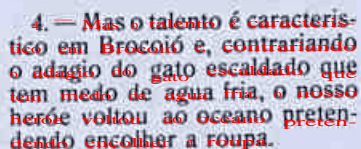
Brocoió e as suas desventuras

(Continuação)

1.— Brocoió, como todos sabem, mergulhou no salso elemento alli em Copacabana. Foi salvo, é verdade, mas tinha no pandulho alguns litros de agua salgada.

2. — Moisés tambem escapou de morrer afogado e Brocoió, qual venturoso Moisés, tambem foi retirado das aguas trajando as pittorescas vestes de Adão. A caridade, porem, deu-lhe roupa para meia duzia de Brocoiós.

3.— Assim, partiu sem destino o desditoso aviador, atrapalhado pelo excesso de paletot e calças que deviam ter pertencido a algum gigante prehistorico.

4. — Mas o talento é caracteristico em Brocoió e, contrariando o adagio do gato escaldado que tem medo de agua fria, o nosso heróe voltou ao oceano pretendendo encolher a roupa.

5. — Não é difficil prever o successo. Quando Brocoió deu por concluido o seu novo banho o seu confortavel vestuario estava realmente encolhido e assentava-lhe como uma luva.... de creança em mão de gente grande.

6. — E lá ia o nosso bom amigo com a jaquetinha muito acima da... do... da cintura quando foi surprehendido por uma machina engenhosa assim com cara de bicycleta. Curioso como todo homem que aprende observando começou a analysal-a.

7. — Quando mais attenta ia toda a observação de Brocoió, a machina diabolica soltou uma duzia de tremendos estouros e fez-se ao largo numa carreira infernal.

8. — Brocoió sentiu o arrepio dos cabellos da sua cabeça careca e poz cêbo ás canellas.

9. — Até a hora de entrar a nossa folha para o prélo ninguem sabia em que parede Brocoió esbarrára.

(Continúa)

CÓCEGAS

RIO DE JANEIRO

SEGUNDA-FEIRA, 15 DE ABRIL, INAUGURAÇÃO DA

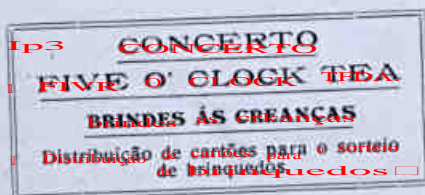
ESTAÇÃO DE INVERNO

COM AS MAIS EXTRAORDINARIAS EXPOSIÇÕES DOS MAIS DESLUMBRANTES ARTIGOS ADQUIRIDOS NOS GRANDES CENTROS DA MODA:

PARIS

VIENNA

BERLIM

LONDRES

Os nossos réclames batem as teclas da economia,
da elegancia e da alta qualidade
dos nossos artigos mas o publico
não tem obrigação de acreditar nos nossos réclames.

VENHA VÊR POR SEUS PROPRIOS OLHOS

Eloy Ribeiro (Petropolis,) Pois meu caro senhor, foi caipora comnosco. O seu soneto foi para a cesta.

Roberto de Alencar (?) Seus dous sonetos tiveram identico destino. Não serviram nem para as *Paginas Alheias.*

B. Torres (Caldas,) Se o Barão ressuscitasse e lesse a poesia que o senhor dedicou á memoria delle, de certo morreria outra vez.

João Liberal (Ouro Preto,) Um dos sonetos foi para as *Paginas Alheias*; o outro nem isso. Entretanto não deixaremos de transcrever aqui o esplendido verso:

Esta pergunta tua faz-me entristecer...

porque nella é que descobrimos o feminino de tatú.

Doria (Bahia,) Muito *pão* a sua collaboração.

Paulo Cortez (Rio,) Nem prosa, nem versos. Só costumamos aproveitar o que é realmente aproveitavel.

Sophocles Barbosa (Bahia,) Seu soneto dedicado ao Dr. J. J. começa muito bem:

> O gigante varão da fama erguida
> A trombeta veloz cantou-te os feitos
> E a Bahia accordou estremecida
> Apertando-te bem de encontro aos peitos.

mas depois quando diz:

> Eu quizera ser outro Castro Alves
> Para em verso medido e palpitante
> Te bradar com vigor heroicos *Salves*!

foi aquella desgraça. Não houve quem resistisse ao desejo de desatar ás gargalhadas á sua custa, *seu* Barbosa...

Paulo Orozimbo (Bello Horizonte) Ahi vae o seu *soneto* e lamba as unhas:

> Quando elle falleceu, o Christo no Calvario
> Todo o solo tremeu
> E no horisonte as estrellas se sumiram
> E o ar escureceu.
>
> Magdalena chorou; dos olhos della
> As lagrymas cahiram
> E a Virgem-Mãe desmaiou sobre a montanha
> E os judeus se riram.
>
> Mas quando elle depois resuscitou
> Magdalena de gosto foi que chorou
> E a Virgem-Mãe se rejubilou.
>
> Mas os judeus choravam por sua vez
> E' que sentiram que dentro de um mez
> O Deus eterno assim o quiz assim o fez!

A. Maia Barreto (Rio,) Estude, estude, e estude mais.

Jose Ferraz da Silva (Christina). Qual meu caro, não ha de ser com semelhantes versos que se tornará conhecido; se não conseguir fazer cousa melhor póde quebrar a bandurra que não dá para a cousa.

Clack (Alagoas,) Não amolle.

Angelo Sequarone (?) Seus infamissimos versos cahiram na cesta.

Alvaro Salles (Rio,) Seus versos foram para a cesta.

Manoel Bomfim (S. Paulo,) Leia a resposta acima.

Scipião Moraes (Campinas,) Não acceitamos.

Carlos Góes (Fortaleza,) Sua óde ao coronel Franco Rabello não cabe aqui. E para a castrarmos, não valia a pena. Tudo é supprimivel. Não ha verso peior. Todos são peores.

Bartholomeu Paz (Barbacena,) Juramos aos nossos Deuses deixar em paz o Dr. Bias Fortes. Por isso...

Calouro Cotuba (Rio,) Essa historia de *patibulo* e *pathologia* para criação de patos é historia velha para nós. Corra a collecção da *Careta* de 1911, que lá a encontrará.

Mario Tavares (Natal). E que temos nós com isso? Dirija-se ao Ministerio da Agricultura.

Samuel Souza Velho (Leopoldina,) Insultar não é fazer espirito. Por isso seus versos foram para á cesta. A *Careta* não serve para semelhantes fins.

D. Maria Marcondes (S. Paulo,) Mas Exma., a que porta veio bater, pelo amor de Deus? Então quer que lhe digamos qual a melhor raça de gallinhas para a postura e para a panella? E que sabemos nós disso, Santo Deus? Acredite que só conhecemos a gallinha em prato, assada, de molho pardo, de cabedella, em canja, etc., e nunca ahi fomos capazes de distinguir uma Oxpington de uma Houdan, ou uma Leghorn de uma Wyandotte Ao ministerio da Agricultura é que se deve dirigir, Exma., e não a nós que disso não pescamos patavina.

Marcionillo Thébas (Pará-Minas,) Não póde ser. Se quizer um exemplar mande os sellos para o Correio, ao menos. O contrario, é ser *filante*.

EPITAPHIO LITTERO-DIPLOMATICO

> Aqui, ceifado prematuramente
> Quando estava a chegar da gloria ao pino,
> Jaz um poeta que, desde pequenino,
> Pelas cousas do Oriente
> Vivia a se babar.
> Como o destino vario o protegesse,
> Com os ossos foi dar
> Precisamente nesse
> Bello paiz que a musa lhe nutria
> E virou de uma vez,
> Por obra e graça da diplomacia
> Subdito japonez.

JEAN GRIMACE

A HORA

de tomar a SOMATOSE constitue para a menina um momento desejado

A SOMATOSE LIQUIDA

(DE SABOR DOCE)

é um remedio do qual não se pode prescindir na infancia.
As creanças que, sem causa apparente,
começam a perder a alegria, o brilho dos olhos, o appetite e vontade de brincar, mediante
seu uso recobrarão em pouco tempo a saude anterior e
obterão uma grande robustez.
E' o remedio preferido por muitas mães por saberem que a elle devem a saude e formosura de seus filhos.

Exija-se em frascos originaes com a cruz "BAYER"

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS

ALGUMAS DO LOPES

O commendador Lopes, depois de fazer uma fortuna honrada, alimentando todo o bairro, estendeu as suas operações estabeleceu-se com uma casa na cidade, de vendas por atacado. Atacado tambem se viu elle, por sua vez, do desejo de figurar na sociedade e, enroupando-se bem, installou uma residencia com luxo e fez algumas experiencias de vida galante.

Uma vez, tendo uma entrevista marcada na Tijuca, elle teve qualquer occupação que o retardou na cidade. Quando faltavam vinte minutos, o commendador, com a timidez natural aos marinheiros de primeira viagem, procurou na fila de automoveis, um *chauffeur* que lhe pareceu discreto e de confiança e disse-lhe:

— Tenho só vinte minutos. Toca o auto com pressa, que te dou dez mil réis de gorgeta.

— Está direito. E para onde vamos?

— Isso é que não é de tua conta; disse o commendador, saltando para dentro do auto.

* * *

No dia do seu anniversario, o commendador ganhou uma bonita bengala, de castão de ouro. Mas elle era baixo, e a bengala estava grande de mais. Sahiu o Lopes e chegando a uma casa da rua do Ouvidor, mandou que tirassem o castão da bengala, cortassem um palmo na madeira e tornassem a collocal-o.

— Isso não fica direito; respondeu-lhe o official. Tirar o castão é muito trabalhoso; elle depois não se adapta bem, e póde amassar. O que ha a fazer é aparar a bengala em baixo e pôr outra ponteira.

— Faça como eu lhe mando; responde o commendador com aspereza. Eu sei o que digo. Mandei cortar a bengala do lado do castão, porque desse lado é que ella sobra!...

* * *

Uma noite, em uma recepção do seu palacete, falava-se em nomes nacionaes e extrangeiros. Notava-se que os nomes extrangeiros são curtos e os portuguezes e brasileiros longos em excesso. O proprio commendador reconhecia esse defeito, elle que aliás se chamava apenas Manel Joaquim de Guimarães Pereira Ferreira e Oliveira Lopes.

— Mas, em compensação, ponho a meus filhos nomes curtos; disse o commendador.

(Esta historia é conhecida; mas pouca gente sabe que ella se deu com o Lopes. Por isso a menciono aqui. A Cesar o que é de Cesar.)

— Então o commendador só põe nomes curtos?

— E' verdade. E com outra particularidade. Cada filho meu tem um nome começado por uma letra do *abc*.

— De proposito ou por coincidencia?

— Qual coincidencia! De proposito é que é! Eu tenho, por ora, tres filhos. O nome do mais velho começa por A; Anrique. O do segundo por B; Bicente. E o nome do mais moço por C; Cylvestre.

EPITAPHIO PARLAMENTAR

Aqui jaz um gaúcho galhofeiro
E bravo marinheiro
Entendido em assumptos variados
E dos mais complicados:
Legislação, balões, docas, florestas
E outras cousas como estas.
Depois de reformado fez carreira,
Quasi por brincadeira:
Amansou sem maior difficuldade
Um escuro almirante de mentira
E, mal o conseguira,
Virou logo almirante de verdade.

JEAN GRIMACE

Um moço elegante, desses que conhecem tudo e falam sobre todos os assumptos, gabava-se em uma sala, de haver viajado muito, tanto na Europa como no Brazil.

— Então, disse-lhe uma senhorita presente, o senhor deve conhecer muito bem a geographia.

— Minha senhora, responde o rapaz, é esse um dos poucos logares onde não estive. Mas andei muito perto.

HISTORIAS SABIDAS

O ovo da Logica

Um estudante do quinto anno do Gymnasio Pedro II foi passar as férias annuaes em casa de seus paes, uns lavradores de Minas, pobres mas... isto é, honrados apezar de pobres.

Para embasbacar os velhos, o rapaz suava por todos os póros.

O pai que dos seus pedantismos não entendia palavra, mas que era um homem de intelligencia clara e muito bom senso, disse-lhe um dia:

— Antonio, emquanto sua mãi prepara o almoço, explique-me em que consiste essa *Logica*, que você diz ser a cupola das sciencias; mas diga de modo claro, com palavras que eu e sua mãi possamos entender.

— Eu vou dar um exemplo de Logica, meu pai, e o senhor vai ver e ficar pasmado. Escute com muita attenção.

— Estou escutando; disse o pai.

Em cima da mesa estavam dois óvos. O estudante collocou-os distantes um palmo um do outro e começou:

— Quantos óvos estão aqui?

— Dous; disse o pai.

— Bem. Não ha duvida nenhuma de que estão aqui dous óvos. Não é exacto?

— E'.

— Não é verdade que onde ha dois ha tambem um?

— E' verdade.

— Dois e um quantos são?

— Ora essa! São tres.

— Lógo, disse o rapaz radiante, estão aqui tres óvos.

— E você acredita nisso? perguntou o pai.

— De certo! disse o Antonio. A Logica não falha. Desde que eu provei que aqui estão tres óvos é porque estão mesmo.

— Está direito. Volveu o pai.

E voltando-se para a mulher disse:

— Oh Eufrasia, frite este ovo para mim e este outro para você, que somos uns ignorantes. O Antonio que coma o ovo da Logica, que elle encontrou com tanta habilidade. Pois quem sabe tanto, é natural que almoce bem.

Descalçando as suas botas ornadas de espóras e abandonando o rebenque, o Sr. general Margarido Nobre, Conde Herminio, Membro da Academia Brasileira e Cesar de Pernambuco, desistio de reconstituir a Confederação do Equador e adherio á politica do rinhedeiro armado no Morro da Graça.

Os Srs. Bastos Tigre, Heitor Malagutti e Emilio de Menezes têm sido muito comprimentados por ter se encerrado sem sangue a greve dos mineiros da Bohemia.

INSTANTANEOS

Na Avenida Rio Branco

O PREÇO DA BENGALA

Um rapaz de boa apparencia, elegante, penetrou em uma casa da rua do Ouvidor e pediu que lhe mostrassem bengalas. O caixeiro desceu o sortimento inteiro. Trouxe bengalas de junco, muirapinima, canna da India, castão de ouro, prata e chumbo, emfim uma collecção completa, com specimens de dois a duzentos mil réis.

O freguez escolheu, olhou, examinou, e depois de bastante fatigar o caixeiro, disse que não tinha encontrado o que queria, e que, se resolvesse, voltaria depois.

Quando o caixeiro se afastou, para attender a outro freguez, o rapaz, que não passava de um «moço bonito,» passou a mão numa bengala, das melhores e, disfarçando, foi tratando de se retirar.

A loja estava cheia de cavalheiros e senhoras, e os caixeiros todos occupados. O dono da casa, porém, observava a manobra do tratante.

Quando viu que sua mercadoria ia mesmo embora, disse:

— Oh! doutor! oh! doutor!...

O moço bonito voltou-se.

— Que é?

— O doutor desculpe; mas, por esse preço, não posso deixar ir a bengala.

O rapaz tomou uma attitude digna e disse:

— Pois então fique com ella; porque não dou um tostão mais!

E atirando a bengala para cima do balcão, retirou-se, pisando com firmeza e dignidade.

O NOVO "RIACHUELO"

Após longa existencia, assás gloriosa,
Tombou sem vida o velho «Riachuelo,»
Que em tempos que lá vão foi um modelo
Para os sabidos na arte bellicosa.

Toda a brazilea gente, pezarosa,
Quiz mitigar a magua de perdel-o
E houve de norte a sul, um grande appello
A toda bolsa, chata ou dinheirosa.

Aos vintens, aos tostões, em chuva fina,
Vê-se o cobre cahir, que se destina
Ao successor da fallecida nave.

O povo acolhe a idéa delirante,
Tanto que o arame entregue é já bastante
Para alguns parafusos e uma chave.

JEAN GRIMACE

INSTANTANEOS

Uma conversa na Avenida

"SEU" PACHECO

Conhecem *seu* Pacheco? Não o conhecem. Era um bom homem. Era, porque hoje não é mais um homem, é um frade. Depois do que aconteceu com elle, entrou para um convento e hoje chama-se frei Caetano dos Santos Jesus. Si é bom frade, não sei; mas bom homem elle era, *seu* Pacheco.

Era um portuguez; e quando se falla em portuguez, tem-se em geral a impressão de um sujeito baixo, gordo e que tem uma venda na esquina.

Pois, *seu* Pacheco era assim mesmo; baixo, gordo e tinha uma venda na esquina. Só calçava tamancos de páu e geralmente vivia sem casaco, em mangas de camisa. Não o vestia sinão pela manhã quando ia para a venda e á noite quando ia para casa. Morava no segundo andar de um predio na mesma rua onde tinha seu *negocio*. Era muito afreguezada a venda do Pacheco, como a chamavam; e devido aos seus collegas patricios que todas as noites iam lá tomar sua «pinguinha» e dar seu dedo de prosa, *seu* Pacheco, que tambem gostava da pinga e da prosa, ordinariamente só fechava a venda depois das dez da noite, ás vezes mesmo ás onze horas.

Ora, no primeiro andar do predio onde morava *seu* Pacheco, residia ha muitos annos uma viuva de um antigo coronel da guarda nacional, D. Rosalina, mulherzinha de cabello na venta, que recolhia-se ao leito, invariavelmente ás nove horas da noite e ficava indignada, furiosa, quando *seu* Pacheco voltava para casa ás onze horas, fazendo um barulho ensurdecedor na escada com os seus tamancos de sola de páu (sola de páu, é boa).

Um dia então que D. Rosalina sonhava com o finado marido, resuscitado e foi despertada repentinamente pelos tamancos de *seu* Pacheco, levantou-se possessa, e supportando heroicamente as dores rheumaticas de que soffria, abrio a porta, chegou ao tôpo da escada e chamou *seu* Pacheco que ia passando justamente naquella occasião:

— Oh! *seu* Pacheco! O senhor faça-me o obsequio de quando voltar para casa subir as escadas com mais cuidado e não fazer tanto barulho com os seus tamancos de sola de páu!

— Oh! Sra. D. Rosalina! Porque não me disse isto ha mais tempo! respondeu *seu* Pacheco, muito amavel e obsequioso. Eu não sabia que os meus tamancos incommodavam a senhora!

— Pois é isto, *seu* Pacheco, faça-me este obsequio e eu lhe agradeço muito!

— Pois não, D. Rosalina, com muito prazer!

— Então, boa noite, *seu* Pacheco.

— Boa noite, D. Rosalinda; um criado ás ordens.

* * *

Na noite seguinte, *seu* Pacheco, depois de fechada a venda, veio para casa por volta das onze horas e, ao chegar ao pé da escada, antes de subir, lembrou-se da recommendação de D. Rosalina. Querendo cumprir o que promettera, tirou os tamancos e subiu descalço, em pontas de pés, muito devagar, pensando que a visinha, com certeza não teria razão de queixa naquella noite. E para certificar-se, quando passou pela porta de D. Rosalina, parou e começou a bater com os tamancos que levava na mão, gritando:

— Oh! D. Rosalina! Faça o favor de vir até aqui!

D. Rosalina acordou assustada, levantando-se á toda pressa e pensando em mil desastres possiveis, correu a ver quem batia á sua porta com tamanho alvoroço e reconheceu com espanto, *seu* Pacheco!

— O que é, *seu* Pacheco?

— E' nada não, D. Rosalina! Era sómente para perguntar a senhora si eu tinha incommodado ainda hoje!

D. Rosalinda morreu de repente, com um ataque de congestão.

Seu Pacheco, desgostoso e inconsolavel por ser a causa involuntaria da morte de uma senhora, entrou para um convento. Hoje, chama-se frei Caetano dos Santos Jesus. Coitado! era um bom homem!

KOCK

Por ser marechal do exercito, exercer o cargo de ministro da Guerra e não ter a menor influencia politica em nenhum Estado da Federação o Sr. Hermes foi um bom candidato á Presidencia da Republica mas por ser general do exercito, ter exercido o cargo de ministro da guerra e gozar de grande popularidade no Rio Grande do Sul o Sr. Menna Barreto é um máo candidato á presidencia desse glorioso Estado.

ARITHMETICA DE JUQUINHA

Na escola o Juquinha é o mais refractario aos calculos. Levou um anno para apprender a taboada de sommar e outro para apprender a de diminuir; e no fim desse tempo sahiu que nem um estudante de Academia Livre da Parvonia, isto é, sem saber coisa nenhuma.

Uma vez a professora chamou-o:

— Juquinha, de cinco para dez quantos vão?

— Não sei.

— Preste attenção menino!

E contou nos dedos:

— Escute: cinco e um seis; e dois, sete; e tres, oito; e quatro, nove; e cinco... quantos são?

— Não sei...

— Ouça menino:

Você tem dez mil réis; duas notas de cinco. Está ouvindo?

— Estou.

— Eu peço a você cinco mil réis. Está escutando?

— Estou.

— E com quantos mil réis você ainda fica?

— Com dez.

— Ora, menino!... Pois se você tem dez mil réis e eu lhe peço cinco, você ainda fica com os mesmos dez?...

— Fico. Porque a professora pede cinco, mas eu não dou.

O caso dos "colis"

Ha não sei quantos annos que se arrasta
Um processo postal de mãos ligeiras,
Que em pouco tempo magras algibeiras
Tanto encheram que o diabo disse — basta.

Tem muita sorte a numerosa casta
Das «aves» nesta terra das palmeiras:
E' só querer, e até por brincadeira
Os arames do publico devasta.

Por exemplo aqui tendes este caso,
No qual se viu, em limitado prazo
O enchimento de innumeros bandulhos.

Até lhe dão afrancezado nome
Para evitar que outro mais proprio tome
Em portuguez — o caso dos embrulhos.

JEAN GRIMACE

CARNAVAL

— Veja V. Ex. como os tempos estão mudados. Até Momo adheriu a Christo.

— E festejou-lhe os martyrios.

Paginas alheias

(ARCHIVO DE RARIDADES DE TODOS OS GENEROS E FEITIOS)

Retracção ideal

(*No album do amigo M. Guia*)

Condemnal-a, porque? — Acaso constitue
Um defeito moral, o se esquivar de um meio,
A' cuja connivencia insinuante, creio,
O espirito infantil fulmina e se evolue?...

Não! — E' mais uma endecha aurifera que leio
Naquelle olhar de amor e luz, a que se afflue
O crysól da virtude. — opposta á que possue
A série feminil que gyra em devaneio.

Na arena bacchanal da civilisação!...
A indifferença atróz com que a todos fita;
O mysterioso orgulho em sua retracção,

— São traços virginaes que fazem-na bonita,
E levam-na bem alto, á extrema perfeição,
Onde a virtude móra e onde a belleza habita!

Ouro Preto.

João Liberal

* * *

Em Sonho!

Vejo no extase embriagante,
um ente, sosinho e solitario
dessipando as maguas, no sudario;
causadas por prazer enebriante.

Um instante depois, como errante
segue allucinado, ao calvario;
procurar no livro ellucidario,
o lugar que se acha tão distante.

Curvado pelo peso dos peccados
praticados em tempos já passados,
folheou o livro então aberto.

Olhou e viu o nome bem de perto!
Estremeceu! mas de rosto risonho
recordou-se, que tudo fôra um sonho.

Albino de Oliveira

As Pombas e os Caloiros

Chega o primeiro moço, encabulado,
Chega outro mais... mais outro... emfim dezenas
De caloiros chegando vão, apenas
Abram-se as aulas ao matriculado.

A's vezes, sáe da sala — amedrontado —
Para o pateo um caloiro a fazer scenas
Negando-se — por causa das pequenas —
A' tomar parte num *perú salgado*.

Tambem passam os annos que abotoam
Os mezes, um por um, celeres, voam
Como voam as pombas dos pombaes...

Passam-se dias, semanas, mezes annos;
E eis os velhos caloiros — veteranos.
Porque os velhos não são caloiros mais...

Rio.

Alberto Sat (*Satan*)

* * *

A rúa

Guarnecidas por duas parallelas
Linhas de casas, feitas com cuidado,
A rúa me parece, n'esse estado,
O corredor bucolico das cellas!

Nas vidraças, das portas amarellas,
Verdes... rubras... azúes... photographado,
Vejo, o prestito ancioso — lado á lado —
Dos transeuntes que passam junto d'ellas!

Miro-a! Nos seus recantos exquisitos,
Ha beijos quentes, trovas pelo sólo,
Ancias de amor, allucinados gritos!...

E n'essa communicabilidade,
Eu julgo-a, o aureo missal do meu consollo
E o thermometro certo da cidade!

Recife, 1912.

Frederico Codeceira

CARNAVAL

— Como te foste de Carnaval?

— Muito bem, diverti-me bastante na Semana Santa.

A Saude da Mulher!

ATTENDEI A VOZ DOS MEDICOS E FICAREIS CURADOS

Doutor em sciencias medicas e cirurgicas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, medico na Polyclinica de Botafogo, allienista—adjunto das Colonias de Alienados, etc.

Tenho empregado a SAUDE DA MULHER em quatro casos de desordens catameniaes, consequentes á inflammação dos ovarios, colhendo do seu uso lisonjeiros resultados, já cessando os phenomenos da affecção ovarina, já corrigindo aquella função.

Rio de Janeiro, 1910—DR. RENATO PACHECO.

Attesto e juro, sob fé de meu gráo, que tenho usado na minha clinica civil e hospitalar os preparados denominados BROMIL e SAUDE DA MULHER dos Srs. Daudt & Lagunilla, com excellentes resultados.

Joazeiro, 22 de Dezembro de 1909—DR. ADOLPHO VIANNA.

Laboratorio Daudt & Lagunilla

430, RUA DO RIACHUELO, 430 — Rio de Janeiro

Depositarios: — DROGARIA PACHECO. — ARAUJO FREITAS & C. — GRANADO & C. SILVA GOMES & C. — FREIRE GUIMARAES & C.

Maravilhoso preparado exclusivamente vegetal, efficaz na cura radical da **calvicie, caspa, quéda do cabello, sardas, manchas** da pelle, **espinhas** e todas as molestias do couro cabelludo.

A **SUCCULINA** faz renascer os cabellos e desenvolver o seu crescimento rapidamente, tornando-o fino e sedoso. Acompanha cada frasco uma serie de attestados de pessoas curadas.

Attenção: Contratamos a cura da **calvicie** e nos achamos á disposição das pessoas que quizerem quaesquer informações; dirijam-se a F. Corrêa, nosso representante, rua General Camara n. 26, ou aos fabricantes—**Irmãos Teixeira & C. — Caixa Postal 830, S. Paulo.**

A' venda em todas as Drogarias e Perfumarias.

"SENHORITA"

Pós de Arroz Hygienico, Puro e Perfumado

Este pó de arroz, excellentemente perfumado, é feito com o mais esmerado escrupulo, e deve ser preferido aos seus congeneres, pela sua acção benefica sobre a pelle, que, com o seu uso, tornar-se-á, consideravelmente, macia e isenta das *Espinhas, Cravos, Rugas, Sardas, Assaduras, Brotoejas*, etc.

Caixa 1$500 — Pelo Correio 2$000

A' venda nas casas de perfumarias: Bazin, Hermanny, Cirio, Ramos Sobrinho, Nunes, Perfumaria Gaspar, Perestrello & Filho e nos depositarios:

ABEL & C.ia

36, Rua Rodrigo Silva, 36, entre Assembléa e Sete de Setembro